



A ESCOLA

PUBLICAÇÃO MENSAL

Estados Unidos do Brazil

Revista do Gremio dos Professores Publicos

— DO —

Estado do Paraná

Duplicata

— Director : — *Dario Vellozo* —

ANNO IV—Coritiba, Setembro e Outubro de 1909—N. 4 e 5

SUMMULA :

I—Congresso dos Professores Publicos, A Directoria..	81
II—Ainda a Escola Moderna, Dario Vellozo.. .. .	82
III—Escola Normal, Curso de Historia, (Arabes), Noe- mia Machado da Luz.. .. .	86
Curso de Historia, (Phenicios), Florentina Vitel. ..	94
IV—Estudos sobre a letra A (Errata) Verissimo de Souza	99
V—A Nova Guaira, Dr. Monteiro Tourinho	100
VI—Auctoridades do ensino	104
VII—Termo de visita, Leoncio Correia.. .. .	105
VIII—Melhoramentos no Gymnasio	105
IX—Idéas Novas, Verissimo de Souza.. .. .	106
X—Anatole France e a bandeira nacional	108
XI—Genio latino, Enrico Ferri	110
XII—Escolas agricolas e zootechnicas, Gama Rosa	115
XIII—Brazil	117
XIV—Sintaxilogia, Conego Braga	118

Assignaturas :

Anno	6\$000
Semestre.	4\$000

REDACÇÃO:—Rua Silva Jardim, n. 108

ESCRITORIO:—Rua Voluntarios da Patria n. 76

Instrução Publica do Paraná

Secretario do Interior : Coronel Luiz Xavier.
 Director Geral : Dr. Jayme Reis.
 Inspector da Capital : Dr. José M. Pinheiro Lima.
 Secretario : José Conrado de Souza.

Directoria do Gremio dos Professores

Presidente : Julio Theodorico Guimarães.
 1.º Secretario : Verissimo de Souza.
 2.º Secretario : Lourenço de Souza.
 Thesoureiro : Brazilio Costa.

«A Escola»

O *Noticiario*—a cargo do Professor Lourenço de Souza.
 O *Expediente official*—a cargo do Prof. Francisco Guimarães.
Secretaria — a cargo do Professor Verissimo de Souza.
Expedição — a cargo dos professores Julio T. Guimarães e
 Brazilio C. Costa.

A *Escola* deixará de publicar artigos que não tragam a assignatura do auctor.

A inteira responsabilidade dos artigos fica aos seus signatarios.
 A *Redacção* não é solidaria com as ideas dos srs. collaboradores.

Aos Srs. Collaboradores pedimos enviar os trabalhos, até 15 de cada mez, á Redacção :—Rua Silva Jardim, 177.

O thesoureiro do Gremio acha-se á disposição dos srs. socios para o recebimento de suas mensalidades, nesta Capital, á rua Misericórdia n.º 5.

Os membros da Directoria offerecem seus serviços aos srs. socios para o fim de receberem seus vencimentos.

Os srs. socios que quizerem utilizar-se desses serviços queiram enviar-nos procurações devidamente legalizadas, bem como instruções referentes á remessa do dinheiro.

Escolas publicas do districto da Capital, professores que as regem e logares onde funcionam

Cadeiras para o sexo masculino :

- 1.º Brazilio Ovidio da Costa—Rua Garibaldi.
- 2.º Verissimo de Souza—Batel.—Escola Cruz Machado.
- 3.º Lourenço de Souza—Grupo Xavier da Silva.
- 4.º Julio Theodorico Guimarães—Escola Oliveira Bello.
- 5.º Lindolpho P. da Rocha Pombo—Grupo Xavier da Silva.

Cadeiras para o sexo feminino :

- 1.º Julia Wanderley Petrich—Escola Tiradentes.
- 2.º Maria da Luz Ascensão—Rua Marechal Deodoro.
- 3.º Esther Pereira—Rua Visconde de Guarapuava.
- 4.º Itacelina Teixeira—Avenida Luiz Xavier.
- 5.º Alexandrina Pereira—Rua America.

A ESCOLA

Revista do Gremio dos Professores Publicos do Estado do Paraná

Congresso dos professores publicos

Nos dias 15, 16 e 17 de dezembro do corrente anno, deve reunir-se nesta capital o primeiro congresso dos professores publicos deste Estado.

Damos abaixo as theses que nessa occasião devem ser discutidas.

Temos ja recebido cartas de muitos collegas, em apoio da nossa resolução, e esperamos que todos os professores do Estado não só concorrerão ás sessões do referido congresso, como tambem se alistarão como socios do nosso «Gremio».

Diversos collegas nos tem pedido os actuaes «Estatutos», que lhes não enviamos porque serão reformados por occasião do congresso.

Respondendo por este meio a diversas cartas de collegas, scientificamo-lhes que a mensalidade estabelecida pelos actuaes «Estatutos» é de 2\$000.

Para rectificação da matricula dos socios do «Gremio», pedimos a todos os collegas, mesmo os que ja são socios, o favor de responderem a nossa circular.

Convem que todos os professores do Estado tomem parte neste congresso, mas se isso for impossivel, deve ao menos cada municipio fazer-se representar por um professor ou professora do mesmo, e só em ultimo caso por professores de outros municipios, e nunca por pessoa extranha ao magisterio.

O nosso intento é fazer que a alludida assemblea seja constituída com o maior numero possivel de professores.

Julgamos desnecessario encarecer a importancia da realização do nosso certame, e a vantagem e utilidade que d'elle advirá ao conagraçamento e ao desenvolvimento mental dos mestres.

As theses serão discutidas na ordem em que vão publicadas, devendo os collegas que pretenderem externar sua opinião sobre ellas, inscrever-se previamente para esse fim, não podendo em seo discurso gastar mais de meia hora.

Theses para serem discutidas pelo Congresso dos professores publicos :

- 1.^a
Qual a orientação a dar ao ensino publico, uma vez considerada a escola factor do Estado ?
- 2.^a
Haverá conveniencia para o Brazil na unificação da instrucção publica ?
- 3.^a
Ministrando o ensino, qual o fim a que se propõe a escola ? Instruir ou educar ? Em que deve consistir a instrucção dada á creança e ao joven ? Em que deve consistir a educação ?
- 4.^a
O ensino da moral deverá ser ministrado pela escola publica ? Em caso affirmativo, como deve ser comprehendido e dado esse ensinamento ?
- 5.^a
A educação civica, como a intellectual e a moral, deverá decurrir dos livros de leitura ?
- 6.^a
Será conveniente a uniformidade de livros em todas as escolas publicas do Estado ? Quaes as vantagens ou desvantagens dessa unificação ?
- 7.^a
Os livros actuaes de ensino satisfazem os interesses do Estado e da Patria ?
- 8.^a
O actual regulamento da instrucção publica satisfaz as exigencias do ensino no Paraná ?
- 9.^a
Haverá conveniencia em fundar-se uma associação dos professores com o fim de tratar dos interesses da classe e da causa do ensino ? O actual «Gremio dos Professores» poderá preencher esses fins ?

A Directoria

Ainda a Escola Moderna

A questão do ensino em a sociedade contemporanea não é apenas problema pedagogico, o é tambem social, civico.

Ao mestre incumbe, não somente instruir o alumno, mas educal-o; já não somente dar lhe orientação, mas fornecel-lhe, atravez da escola, elementos nitidos de subsistencia futura.

A escola se deve constituir séde inicial de todos os ramos de trabalho honesto. Sua missão complexa, de instruir e educar, estende-se ao enrijar dos musculos e á cultura da sensibilidade, ao coração e ao espirito. Substitue o lar; é o nitido espelho da sociedade de amanha, sem falhas, sem jaça, sem villanagens.

A acção reflexa que a escola deve exercer no meio é toda civilizadora, moralizadora, progressista.

A escola prepara os sêres das gerações successivas.

Quando a escola não evolve, a humanidade não progride; quando a escola involue, as gerações degradam-se.

Na instabilidade de subsistencia em que se debate a juventude, a verdadeira escola não deve abandonar os alumnos á porta do edificio, uma vez concluidos os cursos. Sua missão é mais duradoura; aos alumnos dignos e applicados, como premio, galardão, recompensa, deve encaminhar na vida, collocando-os, facultando-lhes meios de subsistencia.

Esse, um dos escopos da *Escola Moderna*.

Em seo longo raio de acção, a *Escola Moderna*, mais que miniatura da patria, transmuda-se em microkosmos. E' o universo, reflectido num Instituto; aborda todos os problemas, inquire todos os principios, desdobra-se por todos os ramos utilitarios, ministrando a cada alumno, conforme seo temperamento, vocação, tendencias, o *utensilic* que melhor maneje, com que possa vencer mais facilmente, conquistando o conforto. Equilibra os extremos das correntes systematicas. O alumno que se especializa, não será por isso menos apto em outros generos de trabalho, habeis as mãos, elucidado o espirito. Pensa e age: aperfeiçoa todas as faculdades.

A *hygiene escolar* não se limita á inspecção do vestuario, dos moveis, dos livros. O medico da escola examina quinzenalmente os alumnos. A pezagem é rigorosa. O problema da alimentação resolvido com escrupulo. A *hygiene* constitue curso, interessado o alumno em saber as causas das medidas adoptadas e o porque das exigencias que a escola não descursa. Indispensavel o conhecimento das propriedades alimenticias, adaptado o regimen ao genero de trabalho. O homem não é impunemente *necrophago* ou *vegetarista*.

O conhecimento do *Esperanto* se faz necessario, vehiculo de relações internacionaes, no commercio, nas industrias, nas lettras.

Ainda ultimamente li, no *Diario da Tarde*:

« O sr. presidente da Republica assignou o decreto creando o serviço de inspecção agricola nos Estados e que comprehenderá o estudo das condições da agricultura e das industrias agricolas e das causas que entorpecem o seo desenvolvimento e progresso; a indicação das medidas capazes de melhorar as condições da agricultura e industrias agricolas e de animar a criação de novas fontes de produção; a divulgação de conhecimentos uteis á lavoura: a propagação de novas culturas ou variedades de plantas já cultivadas; o levantamento das estatisticas agricola. Zootechnicas; a avaliação das colheitas e a fiscalisação das escolas agricolas, estações agronomicas, campos de experiencia ou de demonstração, postos ou estações zootechnicas e meteorologicas, custeadas ou subvencionadas pela União nos Estados.»

Quem se dê ao labor de meditar o que venho escrevendo e publicando, ha cerca de dous annos e meio, em relação á *Escola Moderna* no Paraná, se aperceberá para logo que vizei o problema agrícola-industrial, no Estado, do mesmo ponto de vista em que se acaba de collocar o illustre Ministro da Agricultura, em relação aos Estados da Republica.

E' o mesmo programma :

1. Estudo das condições da agricultura e das industrias agricolas;
2. Causas que prejudicam seo desenvolvimento;
3. Medidas capazes de melhorar as condições da agricultura e industrias agricolas; (a *Escola Moderna* as possui, de optimos e promptos resultados).
4. Divulgação de conhecimentos uteis á lavoura;
5. Estatisticas agricolas, etc;
6. Postos agronomicos, e escolas com cursos praticos de agronomia, campos de experiencia, etc.
7. Observações meteorologicas.

Ao estudioso consola o constatar de factos dessa ordem.

A *Escola Moderna*, em relação ao Paraná, onde almejo fundal-a, vae muito alem em positivas vantagens para o Estado.

Sem afastar-me do ponto de vista agricola:

- a) Levantamento da planta do Estado, com indicação das zonas de cultura, generos, etc;
- b) informações gratuitas aos lavradores, pela Escola e pelos postos;
- c) estimulo ao patricio; arroteamento de suas terras, gratuitamente, com os instrumentos agrarios da Escola, quando disponiveis;
- d) dessiminação, quanto possivel, da pequena propriedade agricola, prevenindo a terrivel expectativa do pauperismo;
- e) pugnar para que os alumnos da Escola, uma vez concluidos os cursos, e desejando consagrar-se á lavoura, adquiram facil e vantajosamente a área precisa ao inicio de seos trabalhos. Etc., etc., etc.

Longo o enumerar dos resultados decorrentes de instituto vazado nos moldes da *Escola Moderna*, como a architectei e realizarei, logo que oportunidade se me offereça.

A efficacia do ensino é economica, social, politica.

As formas obsoletas não se coadunam com as exigencias dos tempos que atravessamos.

Na idade-media a escola, correspondendo ás tendencias da epocha, elevou-se ás universidades: formou doutores e theologos.

A plebe era analphabeta.

Os servos, pendidos sobre a terra que lavravam para os senhores, tinham como recompensa a vergasta, o juizo de deos e a forca.

Os tempos mudaram. A plebe se fez povo. Surgio a industria; o commercio dilatou-se por todos os mares, por todos os angulos do planeta.

O homem volve ao seio de *Demeter*, não como escravo, transmutada a lavoura em profissão degradante; mas, como cidadão, procurando auferir da agricultura o conforto, a estabilidade, a independencia.

E' conhecendo os pontos vulneraveis das instituições, corrigindo-as pela experiencia que os ambientes sociaes melhoram.

As faltas, lacunas e erros dos homens, assignalando fracassos, previnem hecatombes.

Foi interrogando as causas de progresso e decadencia dos Gregos e Romanos, e não somente desses, mas do Oriente remoto e do Medievalismo; foi inquirindo a Historia que cheguei á comprehensão dos efeitos pelas causas, dos meios a empregar afim de amortecer o inevitavel choque das crises vindouras.

Mais vale prevenir que aguardar os efeitos da avalanche economica e moral que ameaça os dias do Estado e da Republica.

Não alimento a estulta pretensão de haver chegado a solver problema de tanta monta. Outro meo objectivo: amparar as gerações de amanha contra o pauperismo, a corrupção moral, a miseria.

Não será apenas fundando *escolas praticas* que chegaremos a termo. E' preciso não divorciar a obra moral da obra physica.

O utilitario, é intuitivo, não constitue factor unico de civismo.

So quando os systemas educativos equilibrarem, umas pelas outras, as facultades e as actividades, avançará normalmente o povo e se avantajará a Patria.

A *Escola Moderna* attinge mais alto: viza, pelo trabalho, a prosperidade, a alegria, a paz, o conforto.

Não pesquisa com afan as *formas* de governo, nem as *formas* religiosas; considera-as secundarias á felicidade humana.

A força, não reside na forma; porem, na essencia. O homem deve saber approximar os extremos antagonicos, procurando, não eliminar os contrarios, mas affinizar-os, na obra collectiva.

A *Escola Moderna* constitue-se factor de acção social; não abandona o alumno: encaminha-o, guia-o, incumbe-se de fazel-o realizar na pratica os ensinamentos recebidos; quer que se torne prospero e independente.

O ex-alumno conhece o que lhe é preciso, como servir a familia, o paiz, em qualquer emergencia. Não faz egoistas. Não quer o homem treslido, nem o quer machina. Equilibra o mental pelo utilitario.

Dá-lhe o sentimento civico da solidariedade consciente.

Educação séria, a traduzir-se em palavras e actos.

Os governos pensam impor taes reformas a decreto.

Baldado almejo!

Os decretos não formam consciencias; as consciencias elucida-se pelo estudo.

E' missão reservada á escola; não á escola archaica e retrograda:—á *Escola Moderna*.

Retiro Saudoso, 10 de Outubro de 1909.

DARIO VELLOZO,

ESCOLA NORMAL

Curso de Historia

(*Exposição do ponto por uma alumna*)

ARABES

A Arabia é uma grande península do S. O. da Ázia. É banhada ao N. pelo Mediterraneo, a L. pelo golfo Persico, ao S. pelo mar Arabico e a O. pelo mar Vermelho.

Os antigos dividiam-na em tres partes: *Arabia deserta* (Nedjed), *Arabia petrea* (Hejaz) e *Arabia feliz* (Yemen).

No deserto a natureza é morta, ahi nada tempera o ardor dos raios do sol.

Reina o simun, chamado pelos arabes o *anjo da morte*: é um vento ardente, acompanhado de exalações sulfurosas que suffocam os homens e os animaes.

De distancia a distancia, á sombra de algumas palmeiras isoladas, vê-se correr um riacho, que se vai perder nos areiaes.

Só o camello pode entreter a comunicação entre estas ilhas de verdura, dispersas em um mar de areia.

O camello, desde que nasce, é acostumado a supportar, como seos senhores, a fome, a sede e a insomnia. Infatigavel, pode fazer mais de mil kilometros em oito ou dez dias, sem beber senão uma vez, e ficar vinte e quatro horas sem comer outra cousa que cardos, raizes de absinthio e ortigas.

Além d'isto, sua carne serve para comer, seo pello é tão precioso como a lã dos carneiros e a camella fornece um leite tão saboroso como o da vacca.

É o companheiro inseparavel do arabe, que lhe deve toda a sua riqueza.

A península Arabica é tambem a região dos bellos cavallos.

O camello e o cavallo têm, na Arabia, uma veneração quasi religiosa.

O arabe chora a morte destes companheiros como a do mais caro amigo.

As montanhas da Arabia petrea occultam alguns valles fertes.

A Arabia feliz merece seo nome. Ahi habita um povo laborioso e robusto, que vive independente no meio de seos rebanhos e de seos jardins; por toda a parte existem trigo, milho e fructas do meio-dia, incenso, cannella e sobretudo café, que constitue o principal genero de exportação da Arabia.

Raça—Os arabes pertenciam á raça semita.

Elles se dividiam em varias tribus; umas erguiam cidades junto ás costas do mar Vermelho e cultivavam a terra; outras, os Beduinos, percorriam os desertos, habitando em tendas e não se occupando senão da caça, de seos rebanhos e da guerra.

Os Beduinos costumavam dar saque aos estrangeiros e consideravam mesmo o roubo como um officio permittido e honroso.

Cada tribu se compunha de uma ou varias familias principaes, cujos membros tinham o titulo de *scheikhs*.

Um destes scheikhs commandava a tribu e tomava então o titulo de *emir*.

Assim viveram, separados em tribus, até os tempos de Mahomet (seculo VII).

Sobre sua vida politica e sua civilização, em os tempos anteriores a Mahomet, pouco se sabe; entretanto as tradições nos conservaram o nome de Balkis, rainha do Sabá e celebre admiradora de Salomão.

Antes de Mahomet, existiam na Arabia varias religiões, sendo as principaes o *sabeismo*, o *magismo*, o *christianismo* e o *judaismo*.

O sabeismo ou o culto dos astros era a religião que possuia maior numero de sectarios.

O magismo ou o culto do fogo tinha sido levado para a Arabia pelos magos persas.

O judaismo e o christianismo tinham sido ahi introduzidos pelos judêos, refugiados na Arabia, durante o captivo de Babilonia e sobretudo depois da destruição de Jeruzalém por Tito.

O templo de Kaaba era o centro religioso dos arabes; ahi existiam idolos de todas as religiões.

No centro deste templo estava a celebre *pedra negra*, que os arabes diziam ter cahido branca do ceo e que devido aos peccados da Humanidade tinha se tornado negra.

Mahomet—Mahomet nasceo em Meca no anno de 570 da era christã.

Era filho de Abdallah e pertencia á tribu sagrada dos *koreis-chitas*.

Orphão desde a infancia, foi educado por seo tio Abou-Taleb e fez-se conductor de caravanas á Syria.

Em uma destas viagens, travou reiações, em Damasco, com uma rica viuva, chamada Khadidja. Pouco tempo depois esposou-a; esta mudança de fortuna lhe permittio entregar-se a profundas meditações.

O desejo de Mahomet era reunir os arabes debaixo de uma lei commum e destruir para sempre o paganismo.

Na idade de 40 annos, Mahomet annunciou a sua missão de propheta e de legislador. Dizia que, estando meditando em uma caverna do monte Hira, tinha visto o archanjo Gabriel que o encarregara desta dupla funcção.

Seos parentes, arrastados pela sua eloquencia, foram os primeiros a se converterem.

Dia a dia augmentava o numero de seos proselytos, o que alarmou os koreis-chitas, que começaram a denunciá-lo ao povo como um impio, que deseja derribar a religião nacional.

Como de nada valessem seos clamores e suas intrigas, os ko-

reischitas perseguiram de tal modo Mahomet, que este se viu obrigado a fugir para Medina.

Esta fuga teve lugar no anno de 622 e data de então a *era musulmana*, sob o nome de *hegira* (fuga).

Em Medina, numerosas tribus arabes vieram-se collocar sob suas ordens, jurando-lhe pura fidelidade.

Mahomet, reunindo então seos companheiros, marchou contra Meca que, depois de varios annos de lucta, se viu obrigada a se render.

Vencedor, destruiu os idolos de Kaaba e obrigou os arabes a acceitar sua religião.

Mahomet não sabia escrever. Quando se sentia inspirado e ensinava ao povo suas doutrinas, escreviam seos ensinamentos em pedras, ossos e folhas de palmeira.

A reunião de seos ensinamentos constitue o *Koran*—livro sagrado dos arabes.

Quando se preparava, em 632, para ir impôr sua religião a todos os povos, morreo em Medina.

Islamismo—A religião fundada por Mahomet é chamada *islamismo*, e seos fieis são chamados *musulmanos*.

O islamismo se resume neste dogma: «Só Allah é grande e Mahomet é seo propheta.»

O *Koran* se compõe de duas partes: uma *dogmatica* e outra *pratica*.

Os dogmas principaes são: a unidade de Deos, a immortalidade da alma, o julgamento final e a predestinação.

As praticas impostas são muitas, sendo as principaes: a caridade, as cinco preces diarias, o jejum, a peregrinação a Meca, etc.

Segundo o *Koran*, Allah é o Deos creador, omnipotente e misericordioso.

Elle repelle a idéa de um Deos feito homem, é por isso que forma alguma póde representar o Allah dos musulmanos.

Para tornar mais pura a unidade de Deos, o *Koran* não admitte a trindade.

Mahomet, para ganhar as sympathias dos judêos e dos christãos, annunciou o *Koran*, não como a destruição, mas como o complemento do Antigo e do Novo Testamento.

Dizia que Allah tinha enviado, em épocas diversas, varios prophetas para pregar á Humanidade a verdadeira crença. Estes prophetas foram Noé, Abraham, Moysés, Jesus e Mahomet, tendo sido este o ultimo e o maior de todos.

Mahomet reconhecia que Jesus tivera o dom dos milagres e confessava que elle o não tinha recebido.

Não se considerava divino e sim um homem inspirado que falava em nome de Deos.

O *Koran* admitte a existencia de bons e de maos anjos.

Emquanto que os espiritos malignos perseguem continuamen-

te os homens, para arrastal-os ao Mal, seos beneficos receberam de Deos a missão de conduzir os homens pelo caminho do Bem.

Prega a immortalidade da alma, mas não diz qual a sua natureza.

Uma outra vida deve eternamente ou punir o crime ou recompensar as virtudes. Aos eleitos prometteo um paraizo delicioso, fructos excellentes, riachos limpidos e huris de olhos negros.

Sete infernos esperam os musulmanos impios, os apostatas, os christãos, os judêos, os magos, os idolatras e os hypocritas.

O *Koran* ensina a predestinação, isto é, diz que tudo o que vae acontecer a uma pessoa na terra já está escripto préviamente no céo.

Esta doutrina do fatalismo exerceo uma grande influencia sobre os musulmanos.

Foi este fatalismo que lhes deo ao principio bravura invencivel, que os levou de victoria em victoria.

O fatalismo foi tambem a causa de sua submissão e de sua obediencia cega ás ordens do propheta e dos kalifas, seos successores.

O *Koran* ordena que os fieis dêem em esmola pelo menos a decima parte de sua fortuna.

A oração se faz cinco vezes por dia, em horas fixas.

Em todas as cidades musulmanas, o *muezzin* annuncia a hora da oração do alto da Mesquita. Nesta hora, os fieis são obrigados a orar no logar em que se acham, excepção da oração solenne da sexta feira, dia consagrado a Allah, que deve ser feita em commum na Mesquita.

Antes da oração, os fieis devem fazer as *abluições*, isto é, devem lavar as mãos, o rosto e os pés. Quando se acham nos logares em que não existe agoa, podem fazer as abluições com areia.

Durante todo o mez de Ramadan, os musulmanos jejuam durante o dia, comendo só á noite.

Os fieis devem ir em peregrinação a Meca pelo menos uma vez na vida.

O *Koran* prohibe o uso do vinho e de outras bebidas embriagantes; prohibio tambem a alimentação da carne de porco, porque o porco na Arabia é muito sujeito a lepra.

Elle estabeleceo várias leis civis. Promulgou penas severas contra o assassinio, o roubo, a usura, a fraude, a calumnia e o adulterio.

Admitte a polygamia, mas limita o numero de mulheres a quatro.

Estabeleceo tambem o divorcio: para o homem bastava um pequeno motivo para se separar, mas a mulher devia apresentar muitas provas.

Expansão—Depois da morte de Mahomet, os *kalifas*, ao mesmo tempo chefes religiosos, civis e militares, organizaram formidaveis exercitos e iniciaram a *guerra santa*, isto é, a propaganda do Islamismo pelas armas.

O fim desta guerra era tornar o Islamismo uma religião universal; os povos que se fizessem musulmanos seriam iguaes aos antigos crentes; os que se sujeitassem a pagar tributos seriam subditos; os que resistissem, seriam exterminados.

Elles conquistaram, no Oriente, a Syria, a Palestina, a Persia, a Armenia, o Turkestan e uma parte da India; no Occidente, submeteram o Egypto, incendiaram Carthago, apoderaram-se da Berberia, atravessaram o estreito de Gibraltar e invadiram a Hespanha.

A Hespanha, que estava então submettida aos visigodos, apresentou-lhes fraca resistencia; os arabes facilmente subjugaram-na e reduziram-na a uma simples provincia do kalifado de Damasco.

Os principaes chefes dos exercitos arabes eram Tarik, Musa e Abdul-aziz.

Os diversos corpos, que constituíam o exercito invasor, occuparam Córdova, Toledo, Granada e Luzitania.

Toda esta massa heterogenea obedecia a um *emir*, que recebia ordens do *wali* da Africa, e este directamente do *kalifa*.

Em 732 transpuzeram os Pyrenêos, internaram-se na Gallia, mas, tendo sido batidos em Poitiers, pelo franco Carlos Martel, viram-se obrigados a voltar á Hespanha.

Pouco tempo durou o Imperio musulmano, que se estendia desde o Indus até o Atlantico. Não tardaram a apparecer as ambições e as rivalidades dos kalifas, o que deo em resultado a divisão do Imperio em tres grandes kalifados: o do *Oriente*, cujo kalifa habitou primeiro em Meca, depois em Damasco e por ultimo em Bagdah; o do *Egypto* ou dos *Fatimistas* com a capital em Cairo, e o de *Córdova* na Hespanha.

O kalifado de Córdova foi fundado por Abderrahman.

O começo deste kalifado foi assignalado por uma série de luctas intestinas. Por este tempo, Carlos Magno, a pedido dos christãos hespanhoes, marcha contra os Musulmanos; mas a revolta dos Saxões o impede de proseguir a expedição. Sua guarda avançada, tendo entrado nas gargantas dos Pyrenêos, encontrou-se com as forças de Abderrahman em Roncesvalles, onde morreo o famoso Roland.

Depois da retirada dos francos, Abderrahman tomou Saragoza e estendeo seos dominios para além do Ebro.

Seo filho Hescham I, que lhe succedeo, reunio todos os musulmanos da Hespanha para a guerra santa contra os christãos.

O reino das Asturias, exposto a perturbações civis, não lhes oppõe senão uma fraca resistencia e elles se apoderam de varias provincias christans.

Destas provincias trouxeram immensas riquezas, com as quaes terminaram a mesquita de Córdova, hoje cathedral.

Hescham I mandou construir sobre o Guadalquivir a celebre ponte, que está assentada sobre 12 arcos.

Al-Haken I, seo filho e successor, protegeo a agricultura e as sciencias.

Possuia uma bibliotheca de 400.000 volumes.

Estes tres kalifas pertenciam á dymnastia dos omnyadas, e foram seos mais celebres representantes na Hespanha.

Com a vinda de certos kalifas, pusillanimes e effeminados, os *walis* da Hespanha, que, havia muito tempo, não obedeciam senão de má vontade ao poder central, declararam-se independentes.

Deram a si mesmo o titulo de reis, de emires e até de kalifas e fundaram diversas dymnastias.

Os reinos eram de pouca extensão e tomaram o nome da cidade principal, em que o novo monarcha fixára residencia.

A maior parte delles tiveram uma existencia ephemera e os principaes foram: o de Córdova, o de Toledo, o de Saragoza, o de Valencia, o de Maiorca, o de Granada, o de Murcia, etc.

A mais celebre dymnastia que reinou no Oriente foi a dos abbasidas.

O mais poderoso dos abbasidas foi Harum-al-Raschid, notavel pela protecção que deo ás artes e ás lettras e pelos contos das Mil e uma noites.

Esta dymnastia foi destruida pelos Turcos seldjucidas.

Civilisação.—Os arabes tratavam os povos vencidos como irmãos, desde que elles abraçassem o Islamismo.

Os gregos, os persas e os alexandrinos, muito mais civilizados que os arabes, deram aos vencedores toda sua civilisação, de modo que aconteceu aos arabes o que tinha acontecido aos romanos, foram se civilisar nos paizes vencidos.

Durante o periodo aureo do Imperio Arabe, o Oriente, a Africa e a Hespanha mudaram de aspecto: estas vastas regiões se cobriram de palacios, de jardins, de escolas, etc.

Os kalifas encarregaram varios sabios de traduzir para o arabe os escriptos dos gregos, sobre a philosophia, a astronomia, a medicina, a mathematica, a physica, etc.

Os metaphysicos admiraram os philosophos gregos, sobretudo Aristoteles, a cujas idéas, divisões e formulas não viam nada superior.

O desenvolvimento da geographia foi favorecido pelas conquistas e pelas transacções commerciaes.

Nos tratados de Ptolomeo, aprenderam o calculo das longitudes e das latitudes.

Têm sido encontradas varias obras sobre geographia, acompanhadas de cartas geographicas.

Por meio dos escriptos de Aristoteles e Hippocrates, elles conheceram a historia natural, a physica, a chimica e a medicina.

Os arabes fizeram uma medicina empirica.

A grammatica e a lexicographia foram desenvolvidas pelos musulmanos.

Os arabes não foram os inventores da algebra; dão-lhe para inventor o geometra Diophante de Alexandria.

Suppõe-se que os arabes, que deram o nome á algebra, tiraram os elementos dos escriptos de Diophante e de outros autores gregos.

Os arabes conservaram os conhecimentos adquiridos pela Antiguidade, desenvolveram-n'os e transmittiram-n'os mais tarde ao Occidente.

Estudaram tambem as *artes maldictas*: alchimia, therapeutica occulta, magia e astrologia.

Letras—Os mais antigos monumentos litterarios dos arabes são um pouco anteriores a Mahomet, e são constituídos principalmente pelos sete poemas *Môallakât*.

Com os abbassidas a litteratura attinge seo periodo aureo.

Os poetas fazem a apologia dos grandes, dos protectores, elles conhecem a fundo e manejam sabiamente a lingoa.

Com a quêda da dynastia Abassida começa a decadencia da litteratura e sobretudo da poesia.

As principaes obras de litteratura arabe, escriptas depois de Mahomet, são: o Koran, ponto de partida da religião musulmana e base da moral e das instituições politicas e sociaes da Arabia.

Temos o livro de *Calila e Dimna*, traduzido do persa e tendo uma origem indiana, e as fabulas de Lokman.

Entre as obras em prosa temos as *Mil e uma noites* e o *Romanço d'Antar*.

As letras arabes exerceram uma grande influencia nas linguas modernas, enriqueceram seos vocabularios, sobretudo das linguas hespanhola e portuguesa.

A muzica entre os musulmanos teve grande apreço; era quasi sempre associada á poezia.

Artes—A architectura foi das artes a que mais se desenvolveo.

As architecturas grega, byzantina e persa exerceram uma poderosa influencia na construcção dos edificios arabes; foi da fusão destas artes que sahio a *arte arabe*.

Seos mais bellos monumentos architectonicos são: o Alhambra de Granada, o Alcazar de Sevilha, as mesquitas de Córdoba, Cairo e Bagdah e inumeros palacios.

Dizem que o palacio do kalifa de Bagdah, ás margens do Tigre, excedia em magnificencia ao palacio imperial de Constantinopolis.

A mesquita era constituída por uma vasta sala destinada aos fieis; um pateo no meio do qual existia um tanque onde os fieis faziam as abluições e uma elevada torre, do alto da qual o muezzin annunciava a hora da oração.

A casa de morada não apresenta para a rua outra abertura a não ser a porta; no centro existe um largo pateo cercado de colu-

mnas, que formam galerias; este pateo é plantado de arvores e refrescado por um tanque.

E' celebre o pateo dos Leões do Alhambra de Granada.

Os arabes não cultivaram nem a esculptura, nem a pintura, porque o Koran prohibia a representação dos sêres animados.

Elles ornavam seos edificios com flores, fructas, folhas, sentenças do Koran e figuras geometricas, ora pintadas, ora insculpidas.

Este genero de ornamentação recebeo o nome de *arabescos*.

Não foi entretanto invenção arabe, pois se sabe que os hindús, muito antes da conquista de Alexandre, pintavam especies de arabescos nos tecidos e nos tapetes.

Os arabes trouxeram da China o papel, a bussola e a polvora.

Agricultura.—Os arabes, a exemplo dos egypcios e dos babilonios, que transformavam, por meio da irrigação, desertos em planicies ferteis, espalharam por toda a parte canaes, poços, etc.

Cultivaram a terra com muito cuidado.

Seos principaes productos eram: café, arroz, açafão, canhamo, damasqueiro; fructas do meio-dia, rosas, jasmims, etc.

Commercio.—Os arabes possuíam o commercio maritimo e terrestre da Azia, do norte da Africa e da Hespanha.

Possuíam dois grandes portos: *Bassorah*, no golpho Persico, fazia o commercio do mar das Indias; ahí aportavam os navios arabes, que iam á India buscar perfumarias, marfim, pedras preciosas, etc., e os juncos chinezes, que traziam seda, marfim, porcellana, etc., e levavam em troca vidro, essencias, assucar e algodão.

O outro porto era *Alexandria*, que fazia o commercio do Mediterraneo.

Bassorah servia de porto a Bagdah e Alexandria ao Cairo.

O commercio terrestre era feito pelas *caravanas*.

De Bagdah irradiavam estradas para todas as direcções. As caravanas iam para Bassorah, Damasco, Syria; chegavam até Trebizonda e Samarkanda, iam tambem até a India.

Do Cairo partiam para o occidente as caravanas que entretinham o commercio com a Hespanha; para o sul, uma estrada acompanhava o Nilo até o Soldão; uma outra costeava o mar Vermelho, de onde as caravanas conduziam para Cairo ouro em pó, marfim e escravos negros.

Em troca dos objectos levados destas diversas partes, os arabes davam os productos de sua industria.

Industrias—Entre os arabes as industrias estavam adiantadissimas.

Fabricavam *tecidos de algodão*, os *pannos de Damaseo*, as *gazes de Mossul* (mosselinas), os *tapetes da Azia-menor*; faziam *vidro esmaltado* e *perolas falsas*; fabricavam as *laminas de Damasco*, o *aço persa*, as *espadas do Yémen* e de *Toledo*.

São celebres os *marroquins* de Marrocos e os *cordovões* de Córdoba.

Desde o seculo X, existiam em Bagdah e Samarkanda fabricas de *papel*, de imitação chinesa.

Fabricavam ainda *assucar, conservas, xaropes, vinhos, essencias de rosa*, etc.

Os arabes transmittiram á Europa as sciencias, as artes e as industrias de que foram, senão os inventores, ao menos os conservadores e os aperfeiçoadores.

Emquanto a Europa se achava ainda envolta nas trevas da barbaria, Bagdah, Samarkanda, Damasco, Cairo, Fez, Granada e Córdova eram importantes centros intellectuaes.

Coritiba, Agosto de 1909.

NOEMIA MACHADO DA LUZ.

Curso de Historia

Prelecção de uma alumna

PHENICIOS

Habitat. A Phenicia, paiz habitado pela raça semita, é uma estreita facha de terra, de mais ou menos 50 legoas de comprimento para 8 ou 10 de largura, situada a Léste da Palestina entre o monte Libano e o Mediterraneo.

Pode ser considerada como sendo uma serie de estreitos valles situados entre collinas que se dirigem para o mar.

Na Phenicia, cujo clima é amenissimo, cresciam em grande abundancia as palmeiras, suppondo-se até por muito tempo que da grande quantidade dessa planta foi tirado o nome do paiz (Phœnikia) ou paiz das palmeiras.

Alem disso se erguiam graciosas não só outras arvores ornamentaes ao lado do Lilano, taes como cedros e cyprestes, como tambem arvores fructiferas, realçando-se sobretudo as figueiras e as videiras.

Graças a essas tantas arvores, cujas raizes formavam uma rêde subterranea, é que as aguas, reunindo se em pequenos riachos, iam ter ao mar. Esses riachos, cujas enchentes formadas pelas neves ou pelas chuvas, duravam toda a primavera, eram os fertilizadores das terras, destacando-se dentre elles o Adonis, então fornecedor de agoa á população.

A Phenicia deveo sua illustração e sua riqueza aos seus portos que, formados por promontorios ou ilhas, existiam de espaço a espaço, ao longo da costa e nos quaes os Phenicios estabeleciam cidades.

Os Phenicios possuiam diversas cidades taes como Sidon, Tyro, Arad, Gybel, Beryto, Marath, Arka, Tripoli, etc., que não passavam

sinão de pequenos povoados, mas que se distinguiam por seu commercio; sobresaem-se dentre ellas as de Sidon e Tyro.

Sidon elevava-se sobre um promontorio e possuia um porto muito bem fortificado, formado de rochedos paralelos á praia; era chamada a cidade dos pescadores e durante muito tempo foi considerada como a rainha da Phenicia e a dominadora dos mares visinhos.

Tyro, situada ao Sul de Sidon, era edificada sobre uma ilhota o que augmentava a sua grandeza; possuia dois portos que se abriam um para o Norte e outro para o Sul da ilhota.

Como Tyro tivesse uma grande população, para que ella se accomodasse em tão pequena quantidade de terreno, era preciso que as suas casas fossem construidas uma junto da outra e possuísse cada uma muitos andares.

Arad, situada ao Norte de Sidon, era tambem edificada sobre uma ilhota, á pequena distancia do continente.

Gybel e Beryto eram consideradas como as mais antigas das cidades maritimas.

Vida politica. A Phenicia nunca formou um Imperio; cada uma de suas cidades vivia independentemente com suas assembleas e o seu governo, donde a lucta entre as diversas cidades, principalmente entre Sidon e Tyro, para conquistar a hegemonia.

A vida politica dos Phenicios pode ser reduzida a dois grandes periodos, que são: o periodo sidoneo e o periodo tyrio, conforme tivesse Sidon ou Tyro a hegemonia sobre todas as outras cidades Phenicias.

Periodo sidoneo. No tempo em que Sidon tinha a hegemonia sobre todas as outras cidades, a Phenicia foi invadida por diversos povos, entre os quaes os Egypcios, a quem os Phenicios, embora podendo manter uma lucta, submetteram-se pacificamente preferindo pagar-lhes um certo tributo.

A população Phenicia, sendo já muito numerosa e habitando essa estreita facha de terra, vio-se obrigada a expandir-se; foi então que ella, atirando-se á conquista do Mediterraneo, fundou numerosas colonias, feitorias e estabelecimentos mercantes, na Azia Menor, no mar Egêo, onde os colonos Phenicios eram encontrados frequentemente, ahi fundando as colonias de Paros e Melos.

Fundaram tambem no mar de Marmara a colonia de Pronestos e no mar Negro diversas outras.

Apezar do jugo Egypcio, os Sidoneos prosperavam, graças ao seu commercio, pois que elles perlustravam todos os mares.

Assim pois, a expansão do povo Phenicio é a caracteristica do periodo Sidoneo.

Nessas expansões, porem, os navios Phenicios, sulcavam os mares com o fim de sorprehender e devastar os povos, attrahindo portanto sobre si a colera destes, principalmente dos piratas do mar Egêo (Philisteos) que invadiram Sidon, perdendo esta a hegemonia.

Periodo tyrio. Abatida a hegemonia de Sidon, ás mãos dos

Philisteos, Tyro, que por esse motivo parecia estar livre de qualquer ataque, substituiu-a.

O governo de Tyro era monarchico e seo soberano Hiram, contemporaneo de David e Salomão, desenvolveo muito a navegação donde se vê que tanto no periodo sidoneo como no tyrio a navegação tinha um grande desenvolvimento.

Foi sob o governo de Hiram que a Phenicia attingio ao seo maximo de prosperidade.

Depois d'elle, seguem-se no governo de Tyro, Ithobal I e Pigmaleão, irmão da rainha Elissar, a quem Virgilio chamou Dido (a fugitiva).

Pigmaleão e Elissar eram filhos de Belo, soberano de Tyro.

Nesse periodo os navios Phenicios sulcavam o Mediterraneo até as columnas de Hercules (estreito de Gibraltar) fazendo prosperar as ilhas de Corsega, Sardenha, Cecilia e Malta.

Chegados ao estreito de Gibraltar foram explorar as minas de Hespanha, e ahi fundaram Cadiz.

Essa grandeza de Tyro, porem, durou pouco; revoluções internas puzeram-lhe fim: uma dellas expulsou a rainha Elissar que, depois da morte de seo esposo Sicharbal, em Tyro, foi fundar na Africa a colonia de Carthago.

Essa colonia levou vantagens sobre todas as outras, sustentando mais tarde as tres famosas guerras punicas, provocadas pelos Romanos.

Em Carthago havia dois prefeitos cabendo ao senado a direcção suprema.

O inicio da decadencia de Tyro deo-se com a conquista Assyria por Sennacherib (200 a. C.); porem sua verdadeira queda se deo com a invasão de Nabukadnezar que a reduzio a provincia de Babilonia.

Com a queda de Tyro terminou o poder da Phenicia; mas o commercio e a industria persistiram ainda.

Commercio. O commercio Phenicio era feito por mar com o Occidente e por terra com o Oriente.

Os Phenicios, com suas barcas, ora a remos, ora a velas, construidas com os grandes cedros do Libano, no commercio não tinham rival; não navegavam somente pelas costas; abriam as aguas com muita facilidade, porque sabiam se dirigir, pondo-se assim em communicação com todos os outros povos.

O mar era o seo instrumento de riquezas e conquistas.

Suas frotas sulcaram o Mediterraneo, tirando de Chypre, das Rhodes e das Cycladas diversos productos para a sua industria.

Tiravam de Chypre o cobre e as madeiras.

Foram á Hespanha, onde, em troca de suas perfumarias, vidros de arte, taças de ornamentação lavradas com metaes preciosos, estatuetas de barro ou de madeira, conseguiram em tal abundancia o ouro e a prata que chegaram a forrar as suas casas com laminas de

ouro e a fazer com prata diversos utensilios, inclusive as ancoras dos seus navios.

Occupavam assim a prata por não ter, nos porões de seus navios, logar para accomodal-a.

Alem disso, da peninsula Iberica conseguiram o chumbo, o ferro e o estanho tendo, com o commercio deste, um lucro espantoso.

E' facil ver como os Phenicios enriqueciam facilmente, adquirindo a baixo preço esses preciosos metaes que os hespanhoes, não lhes ligando importancia, apenas os consideravam como pedras de marmore, ainda porque nessa época a peninsula Iberica era riquissima não só quanto aos seus jazigos mineraes como quanto aos productos necessarios á existencia; possuia excellentes vinhos, cereaes em grande quantidade, lã, gado bem apascentado, peixe e sal marinho em quantidade sufficiente para um largo consumo e para a exportação.

E' claro que, para todo este trafego, eram necessarias numerosas frotas; por esse motivo, os dois portos de Tyro regorgitavam sempre de navios promptos a carregar e descarregar as mercadorias.

Os Phenicios não chegaram somente até a Hespanha: dirigiram-se ao estreito de Gibraltar, atravessaram-o, e seguiram para o Norte ate ás ilhas Britannicas e ao mar Baltico, de onde levavam estanho e ambar.

Descendo de novo o Atlantico, navegaram por toda a costa Occidental da Africa, e, dando volta pelo Sul da mesma, alongaram-se até a Azia, vieram á America, ao Mexico, ao Iucatan e suppõe-se que elles tivessem chegado até o Brazil.

O commercio por terra era feito por meio de caravanas, camellos e cavallos.

As suas caravanas seguiam três direcções: umas palmilhavam a Arabia, de onde levavam ouro, perfumes, agatha, incenso, etc.; outras se dirigiam á Assyria, de onde levavam algodão, linho, sedas e pedras preciosas; finalmente outras seguiam em direcção ao mar Negro.

Além dessas, outras caravanas levavam da Ethiopia o marfim; da Persia e da India, madeiras, perolas e aves.

Si bem que, por interesse de seo commercio, os Phenicios puzeram em communicação os diversos povos.

Exploraram tambem regides apenas conhecidas, descobriram novos caminhos; renovaram os mercados do mundo, finalmente foram os vulgarizadores dos conhecimentos dos outros paizes.

Industria. Sendo o povo Phenicio tão commerciante, a industria entre elles devia ter um alto gráo de desenvolvimento.

Nas viagens que faziam levavam materia prima para fabricar os objectos e os exportar.

Eram habeis na fabricação de estatuetas dos seus deoses, fabricavam-as em tal quantidade que se seguiu um tempo em que essa exportação constituiu um dos seus principaes ramos de commercio.

Fabricavam o vidro, principalmente em Sidon, de três manei-

ras : o colorido, o incolor e o opaco, semelhante á porcellana, com o qual faziam as estatuetas.

Da fertilidade do solo os Phenicios aproveitaram-se, dando á agricultura um alto grau de desenvolvimento.

Não havia nesse paiz a menor parte de terra que os Phenicios cuidadosamente não utilisassem.

Os Phenicios tambem eram dados á fabricação de moveis.

A tinturaria constituia quasi que a sua principal industria ; as fazendas de linho, seda, algodão, e principalmente as de lã, tintas em Sidon, eram por toda a parte admiradas, recebendo a Phenicia as fazendas egycias para as tingir.

Eram tinctas com a purpura, materia extrahida de um certo molusco, cuja côr vermelha então em uso, era adoptada para tingir as tunicas de todos os povos civilisados da antiguidade.

A purpura phenicia tornou-se então um dos principiaes objectos do commercio de luxo da antiguidade.

A ourivesaria estava adiantada.

Com a mistura de ouro e prata fabricavam diversas joias, taes como : braceletes, collares, aneis, etc.; os instrumentos de musica eram feitos de prata; imitavam perfeitamente a esmeralda, que era a pedra mais apreciada pelas mulheres antigas.

Todos esses productos circulavam; porém não mediante a moeda, porque esta ainda não era conhecida, mas n ediante uma «lettra de cambio».

Tanto as relações commerciaes como as industriaes, se approximavam muito das dos outros povos, porque os Phenicios não tinham o genio creador, apenas imitavam.

A Phenicia, quanto á industria, representou um grande papel no scenario da civilisação podendo-se até dizer que cada cidade era uma verdadeira escola industrial.

Sciencias. Pelo que vimos, sendo os Phenicios um povo de navegantes e não havendo a bussola para guiar os seus navios, elles deveriam ter algum meio; esse meio eram as estrellas das quaes elles estudavam as diferentes posições no espaço, dando logar ao estudo da Astronomia que era a sciencia mais cultivada.

Artes. Os Phenicios não se distinguiram nas bellas-artes.

Das artes, a que mais se desenvolveo foi a architectura, que visava o util.

As principaes obras dessa arte foram aqueductos, cisternas, pontes, sarcophagos, canaes, diques, exgottos, etc.

Foram os artifices Phenicios que construíram o templo de Salomão, na cidade de Jerusalém, templo este que tomou esse nome por ser construído sob o governo de Salomão.

Lettras. Apezar do caracter essencialmente commercial dos Phenicios, elles aperfeçoaram a lingoagem e levaram atravez do mundo antigo o alfabeto phonetico composto de 22 caracteres e do qual beberam conhecimentos os Gregos e os Romanos.

Esse alfabeto era o mais simples para os seus usos commerciaes.

Na Phenicia havia alguns escriptores taes como Sanchoniathon, historiador; Hannon, auctor de um roteiro de suas viagens maritimas.

Religião. Os Phenicios sendo de origem semita deviam adoptar divindades masculinas; effectivamente o Phenicio tinha o culto solar, cujo deus supremo, Baal, era symbolisado pelo Sol.

Em Tyro, esse deus tomava o nome de Melcarth, como destruidor.

A religião era dualista; acreditavam em duas forças sendo uma positiva, que tudo creava, representada por Baal, o Sol; outra negativa representada por Baaeth, a Lua.

Esses deoses tinham nomes differentes em cada cidade, assim: em Sidon, a força positiva era representada por Baal-Sidon e a força negativa por Astoreth; em Gybel, a positiva era representada por Baal-Tammuz e a negativa por Baaeth; em Carthago, a positiva era representada por Baal-Ammon e a negativa por Tanit.

Cada porção da natureza, os rochedos, as grutas, as fontes, etc., diziam os Phenicios ser morada dos deoses.

Quando estes eram considerados creadores, offereciam-lhes festas ruidosas; quando porém considerados destruidores, a religião dos Phenicios tornava-se barbara; flammejava a crueldade, sacrificando-se-lhe, não só animaes como as proprias creanças.

Os Phenicios consideravam isso como a offerta mais agradavel a esses deoses.

Tinham diversas festas religiosas taes como as herculeas, as dyonizias, as astartéas e as adonias sendo estas ultimas precedidas de cortejos levando ao deus Adonis numerosas flores.

Os idolos Phenicios, que não eram sinão symbolos, foram mais tarde adorados como os proprios deoses, tornando-se a religião uma verdadeira idolatria.

Coritiba, 15 de Setembro de 1909.

FLORENTINA VITEL.

Estudos sobre a lettra — A ERRATA

A' pag. 34 do n. 1º desta revista, foram omittidos os seguintes exemplos:

« O cemiterio ás portas de Paris, *a deliciosa*; o cemiterio ás portas de Londres, *a negociadora* soberba; o cemiterio ás portas de Roma, *a viuva e orfan*; o cemiterio ás portas de Lisboa, *a vaidosa* infeliz; por toda a parte o cemiterio ás portas de tudo que é grande. » — A. Cast.

Nesse tempo..... como hõje, *a Coimbra* academica coroava-se com os loiros da sciencia, dêsde a — *Porta-Ferrea* — até á — *Porta de Minerva*, dêsde o — *Penedo da Saüdade* até ao *Choupal* e á *Quinta das Lagrimas*. » — C. Figueiredo.

Coritiba, 7 de Setembro 1909.

Verissimo de Souza.

A Nova Guaira

No recanto formado pelas margens esquerdas do rio Paraná e do seo tributario Piqueri, a pouco mais de treze kilometros acima da celebre cataracta das Sete Quedas, existem ainda as ruinas de Ciudad Real, antiga capital da tão famosa quão ephemera republica theocratica do Guaira.

Foi essa povoação, em 1557, assentada em uma bella e elevada paragem circumdada de pequenas campinas, e regada de abundantes mananciaes. Como as de Villa Rica do Ivahí, sua rival em gentileza e população, fundada vinte annos mais tarde, as ruas de Ciudad Real foram bem delineadas e as casas, construidas de taipa, eram em geral cobertas de telhas.

Os conhecimentos geographicos que possuímos d'esse sitio, para nós de sympathica reminiscencia historica, dizem-nos que sua posição de latitude é extratropical, e que sua elevação sobre o nivel do mar não excede a quarta parte da de Coritiba. Com taes condições a temperatura das estações extremas ahí não pode deixar de ser bastante suave: sem geada no inverno; sem calmas intensas no verão.

O panorama que n'esse logar se pode desfructar deve ser um dos mais magestosos e apraziveis do mundo. Ao norte ver-se-ha o mais bello rio da provincia, o Piqueri, guarnecido de elevadas ribanceiras de grés vermelho, descrever, traçando claros atravez das florestas, extensos e graciosos meandros. Ao occidente e ao sudoeste contemplar-se ha com assombro o Rio-Mar, depois de haver se bifurcado ao encontro da Ilha Grande, reunindo suas agoas e espriguiçando-se placidamente em uma ampla enseada, como para resfolegar da longa viagem de 1700 kilometros desde a serra da Mantiqueira e, após, formar carreira para precipitar-se na voragem do Salto.

Vem aqui a pello tomarmos, enxertando muitas variantes nossas, alguns periodos do intelligente e intrepido capitão Nestor Borba que, em 1876, teve a dita de admirar e fazer a descripção do Salto do Guaira:

«A primeira impressão que sente-se é de terror!

Um camarada que nos acompanhava, homem rude e pouco sensível a emoções, depois de haver por alguns instantes, de bocca aberta, contemplado o portentoso quadro, disse com um gesto que é peculiar aos individuos da sua classe, quando querem exprimir a maior admiração:

Eh! Put... cha... Diabo!..

O rio precipita suas agoas pelo canal grande, com vertiginosa furia. Pelos outros menores despenham-se com igual impeto formidaveis torrentes que, ao reunirem-se e ao entrechocarem-se no meio do canal, levantam columnas d'agoa a descommunes alturas e deto-

nam com estampidos capazes de abafarem os trovões da famigerada Niagara.

Dissereis o remoinhar de um turbilhão do diluvio universal! Inferno de agoas «hell of waters» diria lord Byron!

As torres liquidas, illuminadas pelos raios do sol, embatem-se no espaço, despedaçam-se, pulverisam-se, derramando sobre vasto ambito fascinadores aguaceiros de diamantes.

E' o prodigioso consorcio do bello com o medonho!

Nove, e não sete, são os saltos principaes. Cada um delles é um prodigio. Todos reunidos constituem um conjuncto de grandeza e bellezas indescriptiveis. Quem os contempla por algum tempo retira-se ensurdecido e meio cego, como aniquilado ante tanta magestade e maravilha».

Joviaes touristes que, após os rigores de um longo inverno, sentis correr-vos nas veias as mesmas inquietações que agitam as andorinhas na epocha das migrações, esquecei o Harz e o Righi, os Alpes e os Pyreneos, as paysagens pitorescas da Suissa e os risinhos encantos da natureza da Italia. O velho mundo não tem mais com que faltar vossa fome de emoções. Vinde percorrer a provincia do Paraná. Vinde admirar a serie de esplendidas bellezas naturzes de toda a região da antiga Guaira cujos sitios principaes, a grossos traços, acabamos de esboçar, com os poucos dados que nos foi possível colher.

Ahí não temos ainda estradas, nem sequer uma picada de exploração. Temos, porem, a navegabilidade de alguns rios com que dotou-nos a provida natureza. A viagem faz-se em improvisadas canôas e é cheia de incommodas peripecias. Tanto melhor para intrepidos «touristes pur sang».

Vinde, pois, admirar o Salto do Guaira, e meditar um pouco sobre as ruinas de Ciudad Real e Ontiveros. Vinde com vossa estrepitosa alegria, com vossas exclamações de surpresa e admiração, despertar os ecos d'essas florestas onde outr'ora imperou a civilização christan sobre uma população superior a cem mil individuos. Talvez que assim nos desperteis tambem a nós da nossa proverbial indolencia e descuido. A nós que, sob pretexto de repellir estranhas usurpações, decepámos, ha mais de dous seculos, os brôtos dessa civilização que começava a vicejar; mas que tendo destruido com tão pesada mão, até hoje não nos possuímos da mesma energia para reconstruir.

Vinde.

Depois, sem duvida, irão as estradas, as hospedarias, o commercio, uma população inteira para dar-vos de comer, de beber e de vestir.

Assim tereis lançado n'esse torrão fertil as sementes da futura comarca da Nova Guaira, e por ventura tambem, sobre as ruinas de Ciudad Real, os fundamentos da mais bella e aprazivel cidade da America Meridional a—Péropolis do Sul—.

A abertura de um caminho para o Salto do Guaira, ou para

as ruínas de Ciudad Real na foz do Piqueri, não é, na actualidade, empreendimento que possa desequilibrar as forças financeiras do país.

Não carecemos, por enquanto, de um dispendioso caminho de ferro, nem mesmo de uma estrada de rodagem macadamizada. Ali não existem ainda productos para serem exportados: ha, porem, uma zona deserta que muito promete e por isso convem desenvolver; e tambem uma extensa fronteira que nos cumpre povoar e guardar. Para a simples realisação de taes fins basta-nos um caminho economico, uma «estrada carroçavel» em condições semelhantes a que construiu-se para Castro, e cujo custo não excede de 1:200\$000 por kilometro.

Nada, pois, de apparatusas comissões. Não ha necessidade da intervenção de theodolitos, nem de outros instrumentos igualmente enfadonhos. Para o traçado são sufficientes uma bussola, algumas balizas e um pequeno declivometro de Mayer: este resolverá perfeitamente a questão das declividades, aquelles a da direcção dos alinhamentos. Munido d'esses modestos aprestos um engenheiro experimentado, com o auxilio de poucos conductores intelligentes e activos, conseguirá lançar, depois de alguns reconhecimentos e tentativas, a linha de menor movimento de terras, procurando adaptal-a o mais possível ás caprichosas sinuosidades e altibaixos do terreno. Os decliveis poderão elevar-se até sete por cento, e nenhum inconveniente haverá em que os raios das curvas desçam a 20 metros, e até menos; porque, como para nós o tempo ainda não é dinheiro, e só desejamos facilidade de transitio, os vehiculos em geral viajam sempre com velocidades moderadas.

Sob este ponto de vista vamos calcular a despeza provavel com um caminho da villa da Palmeira á margem do rio Paraná, entre a foz do Piqueri e o Salto do Guaira, tomando para base dos calculos os dados do traçado e construcção da estrada de Castro a que já nos referimos.

A distancia a vencer é quasi toda em longitude e a directriz, por conseguinte, segue o rumo de leste a oeste. A longitude do salto, determinada pelo barão de Maracajú, é de $11^{\circ}-6'$; para a Palmeira determinámos a de $6^{\circ}-52'$; o que dá a differença de $4^{\circ}-14'$ entre os dois pontos, contada proximamente no paralelo medio de 25° . Nesta latitude o grau de longitude vale 100,910 metros. A distancia em linha recta, portanto, entre a Palmeira e o nosso ponto objectivo no rio Paraná é de 427, 188 metros.

Qual a extensão com que ficará o desenvolvimento do traçado?

Das obras de estradas que temos dirigido na provincia tirámos os seguintes apontamentos que dão uma idéa das difficuldades topographicas vencidas:

De Curitiba a Campo Largo — Distancia em linha recta 26 kilometros; desenvolvimento da estrada de rodagem 33 kilometros; accrescimento 27 %.

De Campo Largo a S. Luiz—Distancia em linha recta 19 kilo-

metros; desenvolvimento da estrada de rodagem 25 kilometros; accrescimento 32 %.

De S. Luiz a Palmeira—Linha recta 29 kilometros; desenvolvimento da estrada 39 kilometros; accrescimento 35 %.

Da Palmeira a Ponta Grossa—Linha recta 39 kilometros; desenvolvimento da estrada 45 kilometros; accrescimento 15 %.

De Ponta Grossa a Castro—Linha recta 38 kilometros; desenvolvimento da estrada 43 kilometros; accrescimento 15 %.

De Curitiba a Castro — Somma das linhas rectas passando por Campo Largo, S. Luiz, Palmeira, Ponta Grossa e Castro 151 kilometros; somma do desenvolvimento das estradas passando pelos mesmos pontos 185 kilometros; accrescimento 22, 5 %.

Estes 22, 5 % representam os embaraços que a topographia de uma grande extensão do «plateau» da provincia oppõe ao traçado e á construcção de uma estrada regular. Poderíamos admittir este coefficiente para exprimir tambem approximadamente as difficuldades topographicas da zona de terreno entre a Palmeira e o rio Paraná; no entanto, vamos eleva-lo a 30 %, o que significa uma topographia, na generalidade, quasi tão escabrosa como a da Serrinha entre Campo Largo e S. Luiz.

N'esta hypothese a linha recta entre a Palmeira e o rio Paraná se desenvolverá em uma estrada de 555,344 metros. Sejam 556 kilometros.

Quanto poderá custar a construcção d'essa «estrada carroçavel» com a extensão de 556 kilometros?

A estrada de Castro, com um leito de seis metros de largura, custou, comprehendida a construcção dos boeiros e de algumas pontes e pontilhões, a quantia de 1:200\$000 por kilometro. Foi, porem, quasi toda a linha lançada em campos e, por conseguinte, nenhuma despeza houve com derrubadas e destocamentos. No caminho da villa da Palmeira ao rio Paraná não acontecerá a mesma cousa. Se n'essa zona ha campos, se ha fachinaes e catandubas, ha tambem matas virgens onde será necessario fazer-se derrubadas, de sessenta metros de largura, ou talvez mais. Com esta largura, um kilometro de derrubada e destocamento, em mato virgem, não custa menos de 800\$000. Por estas considerações concluimos que a construcção do caminho de que temos tratado importará, termo medio, em 2:000\$000 por kilometro.

Os 556 kilometros custaram, pois, 1.112:000\$000.

Effectuando-se essa construcção em dois annos, sendo realisada no primeiro a parte entre a Palmeira e Guarapuava; e no segundo a secção entre Guarapuava e o ponto terminavel; a despeza em cada anno regulará de 500 a 600 contos.

Como dissemos no principio da segunda parte deste artigo, pode ver-se que estas verbas, por modicas, em pouco gravarão nossas finanças.

Mas quaes serão as vantagens immediatas de semelhante empreendimento.

Immediatamente, poucas ou nemhumas; em futuro proximo, porem, serão tantas que a sua enumeração não cabe nos limites deste artigo. Por isso, para terminal-o, diremos simplesmente, como expressão de uma profunda e antiga convicção, que a provincia do Paraná só terá dado uma verdadeira passada de gigante, no dia em que as carroças e os trollys, passando por Guarapuava, puderem facilmente chegar até a foz da Piqueri.

DR. MONTEIRO TOURINHO.

Auctoridades do ensino

Com a maior satisfação aqui exaramos estas referencias aos illustres paranaenses Drs. Jayme D. dos Reis e José M. Pinheiro Lima, em boa hora constituídos auctoridades da instrucção.

O sr. Dr. Jayme dos Reis, que, felizmente para o Paraná, recebeu a vocação do governo para exercer o importante encargo de director da instrucção publica, tem multiplicado esforços no sentido de levantar do seu triste e misero abatimento a direcção do mais notavel e producente ramo das instituições sociaes de nossa terra. O zeloso e digno funcionario tem desenvolvido sua actividade e energias no cumprimento de seus deveres, pugnando com a maxima dedicação pelo progredir do ensino publico, o que manifesta nas continuadas visitas de inspecção que faz ás escolas, as quaes tambem provê dos moveis e utensilios mais imprescindiveis, ao mesmo tempo que ao governo sugere a adopção de medidas e providencias conducentes á evolução espirital da nossa população discente.

Não é nosso vesio tecer louvores e rendilhados de encomios áquelles que se acham investidos de auctoridade sobre nós: tal procedimento, aos olhos de todos ostenta sempre o aspecto inglorio da adulação, vicio que tão diffuso se encontra, corrompendo o brio e amesquinhando os caracteres que se mostram sempre resolutos a genuflectir perante os grandes, rendendo o culto humilhante e incondicional da lisonja aos poderosos. Si hoje, destoando de nossa norma de conducta, registámos applausos ao actual director do ensino, é porque (*mala res* para a terra paranaense!) o illustrado moço não é o proprietario definitivo do logar que, ainda que interinamente, occupa com muito brilho.

Prestará o governo um inestimavel serviço ao Estado nomeando-o definitivamente.

Similhanamente áquella auctoridade, é o sr. Dr. Pinheiro Lima, inspector escolar da Capital, mui zeloso e solícito funcionario, cumprindo com intelligencia e devotamento os multiplos deveres que concernem ao seu encargo.

A sua acção bemfazeja se tem patenteado proficua de resultados valiosos, que attestam o desvelo e patriotismo com que o digno e illustre joven se consagra ao desempenho de sua onerosa incumbencia.

O Gremio dos Professores, que tem na *A Escola* o interprete de seu pensamento se rejubila e ufana sempre que o exercicio de auctoridade do ensino é commettido a cidadãos que desassombradamente professam a religião do dever.

Termo de visita

Trecho de um termo de visita feita á escola do professor Verissimo de Souza quando este exercia o magisterio na Lapa:

« O professorado é sempre sublime: ou seja elle exercido nas academias das grandes cidades, ou na modesta sala de uma pequena casa de villa. E' que a Escola é sempre o mesmo Templo de uma unica religião. O mestre é, em geral, a figura menos recompensada nos festins sociaes. O guerreiro victorioso, o politico notavel, o poeta genial, o artista inspirado, o sabio respeitado, passam á posteridade pelas sete tubas da Fama, ao passo que o mestre, por mais dedicado, será feliz se lograr viver no coração e na saudade dos seus discipulos. Mas essa, por humilde, não é a gloria menos serena das consciencias rectas.

LEONCIO CORREIA,
Director da Instrucção Publica.

Melhoramentos no Gymnasio

Já foi franqueada aos respectivos lentes e professores, a sala que no edificio do Gymnasio e Escola Normal foi, pelo operoso e competente Director do Ensino, Dr. Jayme Reis, mandada preparar para esse fim.

E' um compartimento central do edificio, pintado e mobiliado com gosto, onde os srs. lentes teem todo o conforto e independencia de relações com o pessoal da casa. A medida de ordem e decôr do Gymnasio que a installação da sala dos lentes veio realisar, foi ali recebida pelo corpo docente, com os geraes applausos de que é merecedora.

Não foi essa a unica reforma proveitosa que ali fomos encontrar realisada:

A entrada para a Secretaria ja não se faz mais, como primitivamente, em seguida ao corredor principal. Após este, antes do ingresso á Secretaria, chega-se á Portaria, que não tinha situação naquella repartição publica.

Foi esta outra acertada providencia da direcção superior que o Dr. Jayme Reis está imprimindo no estabelecimento.

O gabinete do Director, por sua vez está melhor ordenado, e as suas relações officiaes com a Secretaria e Portaria se fazem agora como convem ao mechanismo de uma repartição publica bem dirigida.

Entim, traxemos da Directoria Geral do Ensino, a impresso magnifica que se recebe sempre dos logares onde ha methodo, capricho e ordem.

«Ideas novas» ?

Espero que o Sr. Achilles Raspantini se não agastará commigo por vir eu ainda uma vez dizer algo sobre dois topicos do seu ultimo artigo.

Do que eu escrevi não se deprehende que adopto as graphias obsoletas—*he* e *hum* : apenas justifiquei o criterio dos antigos, empregando o—*H*—nessas palavras.

Apesar, contudo, de não mais devermos escrever—*he* e *hum*, reconhecemos que em *he* o—*H*—é signal intensivo empregado para differenciar phoneticamente o verbo *ê* da conjunção *e*.

Se os antigos não empregassem nesse vocabulo o accento como nós hoje fazemos, empregariam o—*H*—, como fizeram.

Idêntico raciocinio se faz com a palavra *um*, em que existe a geminação do—*U*—(*de uno*), visto que se usava novamente o—*U*—duplicado, o accento e ainda o—*H*—.

Eu não disse que fui baseado na etymologia que os antigos escreveram *he* e *hum*, nem approvo o emprego do—*H*—nessas palavras, e pois repito com J. Soares Barbosa (citado pelo Sr. Achilles) : «Todos, ainda os mais apaixonados pelas etymologias, assentam não ser justo metter na escriptura das palavras portuguezas, letras desnecessarias, e que lhes não competem, nem em razão da pronunciaçào, nem em razão da derivação.»

Soares Barbosa não está em desacordo commigo, mas somente o Sr. Raspantini, cujas opinões muito respeito, apesar de não adoptar-as.

Citando um trecho do meu escripto, diz S. Exa. : «Ha nessas suas palavras um engano e uma contradicção : um engano, porque, o—*h*—em portuguez não indica uma FORTE ASPIRAÇÃO, (o grito é meu), como na lingua grega ; e uma contradicção, porque S. Exa. depois de afirmar que o—*h*—em portuguez não é aspirado, parece revogar sua propria opinião, dizendo que aquella letra em portuguez é signal de aspiração» talvez no sentido em que elle o era em grega.

«O *h* em nossa lingua, não indica forte aspiração : quando muito marca leve aspiração nas interjeições».

Vejamos se de facto existe ali contradicção.

C. de Figueiredo diz :

«Acollá, a minguia de accentos graphicos, dava-se ao—*h*—o valor putativo de dar a vogal immediata...»

«Nos primeiros tempos da latinidade, era signal de aspiração...»
...«como signal de aspiração, passou para algumas linguas modernas...»

Este mesmo autor, que chama ao—*H*— aspiração e signal diacritico, diz :

«Isto de se suppôr que em portuguez ha o—*h*— aspirado, é uma fantasia que raia pela ingenuidade infantil.»

«Em portuguez não ha—*h*— aspirado.»

Ja vê o Sr. Raspantini que me acolhi a muito boa sombra.

Não ha nisto contradicção alguma, pois ha muita differença entre não ser—*H*— aspirado, em portuguez, e ser signal de aspiração, como lhe chamam o citado C. Figueiredo, João Ribeiro, e out'ora Bluteau e D. N. de Leão.

O Sr. Achilles não leu com attenção o que escrevi, senão, interpretaria melhor as minhas palavras, e não me attribuiria asserções absurdas, como a de representar o—*H*— «FORTE aspiração», coisa que eu absolutamente não disse.

Tratando do—*H*—, que C. Figueiredo chama signal diacritico, diz L. Andrade :

«Parece que esta letra, era aspirada nos primeiros annos da formação da lingua, a semelhança do latim». Gramm. pag. 71.

Que o—*H*— não é actualmente aspirado nas linguas novilatinas, é uma verdade incontestavel, e para o provar citei abalizadaissimas opinões, o que até era desnecessario.

G. R. Vasconcellos, citado pelo Sr. Achilles, mui aferrado ás leis da etymologia, não comprehendeu, como C. Figueiredo, que em casos, como—*he*, *hir*— etc., o—*H*— é signal diacritico, e confunde os casos dos verbos—*he*, *hir*— com os dos indicativos—*o*, *e* (*ho*—*ha*), etc. o que é absurdo. Em *ho*, *ha*, e a conjunção *e* não ha justificativa para o—*H*—, mas nos verbos—*he* *hir*, diz C. F. que, apesar de serem graphias erradas, justifica-se a presença do—*H*—, «a conta de signal diacritico.»

Os indicativos *o* e *e* e a conjunção *e* não são aspirados, e pois são absurdas as graphias *ho*, *ha* e *he* (conjunção).

Palavras citadas pelo sr. Achilles :

«Entre os gregos havia duas especies d'aspiração : espirito rude e espirito doce, o éta (*h*) correspondendo ao *heth* semítico, que representava uma forte aspiração, foi primeiramente o signal da sua principal aspiração.»

Muito bem.

Esta abalizada opinião, adoptada pelo Sr. Achilles, vem corroborar a não menos abalizada opinião por mim citada, sobre constituir o—*H*— para os gregos o quarto accento chamado de aspiração, o que S. Exa. a principio extranhou, mas que hoje, reflectindo melhor, aceita como verdade.

Isto sobretudo me desvanece, por me dar a certeza de que não errei, como pareceu ao meu contendor.

Foi a essa forte aspiração representada em grego pelo *H*, que alguns autores chamaram antigamente «accento de aspiração».

Pode não estar isso consignado nas grammaticas que o Sr. Achilles consultou, mas é facto referido por bons escriptores.

Vou terminar com mais umas citações de Bluteau.

«*H*—emquanto letra ou aspiração portugueza..... usamos desta aspiração..... nas vogaes precede o —*H*—, como *Homê*, *Humilde*, *Honra*, e posto que não sintamos esta aspiração porque pronunciamos as ditas palavras e outras como —*Omê*, *umilde* e *outra*,..... a qual figura foi tomada das duas aspirações gregas, a saber, da aspiração aspera, que se representa assim ζ a modo de *C* virado, e da aspiração branda, que tem a figura de *C*; estas duas aspirações juntas huma com outra, por meio de hum risco formarão a letra —*H*—».

«Acho alguma razão nos que dizem ainda que o —*H*— seja aspiração, não deixa de ser verdadeira letra.... nem o ser aspiração lhe pode tirar este privilegio.

Este autor, que chama ao —*H*— aspiração, diz mais: «Não muda a aspiração a potestade da letra com que se ajunta; e assim, qualquer vogal, escripta com —*H*— ou sem elle, sempre faz o mesmo soado.»

Ha, pois, grandissima differença entre não ser o —*H*— aspirado, e ser signal de aspiração. São os competentes que o dizem, e não eu.

Os griphos são meus.

Coritiba, 7 de Setembro de 1909.

VERISSIMO DE SOUZA.

Anatole France e a bandeira nacional

Muitos foram os episodios que, no correr de suas excursões, deram a Anatole France a impressão de «maravilhoso» acolhimento e de alguma notavel cultura em nosso meio.

Já notámos o que se refere ao distincto architecto dr. Ramos de Azevedo e a seo theatro —«chef d'œuvre». Já referimos a impressão que lhe causou a Escola Normal, com sua installação, com seo ensino...

Ha um episodio mais que importa lembrar, pelo relevo que dá ao symbolo civico de nosso paiz.

Da excursão ao Alto da Serra, o nosso illustrado collaborador sr. professor José Feliciano narrou-nos o seguinte:

Logo ao começo da viagem, notou o eminente escriptor uma bandeira nacional pintada sobre uma das portas do carro-salão. Quiz saber a significação das estrellas ahí desenhadas, e a respeito interpellou o prof. J. Feliciano (a quem chamou «M. le mathématicien», á moda hellenica, do tempo de Hipparco ou de Ptolemeo, o autor de um tratado de astronomia—a «Syntaxe Mathematica» ou Almagesto, na forma arabica).

O prof. J. Feliciano promptificou-se a responder-lhe as perguntas e começou pela estrella superior—a «Spica Virginis»—, que A. France desde logo apontou. Em seguida explicou as outras todas, dando seus nomes e os de suas constellações, em francez, em latim, ou em grego, e corrigindo os erros de collocação que no desenho se notavam. Assignalou: —«Signa do Oitante», na projecção do polo; no meridiano, o «Cruzeiro» (Croix du Sud), com suas 5 estrellas, cuja «alpha» é «Magalhães», que os francezes alteraram em «Magellan»; a um lado o «Triangulo Austral» de outro, «Canopo» («Canopus», «Canobos») do «Navio Argo», «Sirius» ou «Sothis» do «Canis Major» (vermelha no tempo de Horaico, que a chamou «rutila»), «Procyon» do «Canis Minor». Mostrou finalmente a singosa, retorcida constellação de «Scorpius», com sua rubra «Antares».

Anatole France perguntou se «Scorpius» era vizivel em Pariz. O professor lhe respondeo que lá era invisivel a parte final, recurvada. Citou-lhe então A. France uns versos em que Virgilio fala dessa constellação, quando invoca Octavio Augusto:

ANNE NOVUM TARDIS SIDUS TE MENSIBUS ADDAS
QUA LOCUS ERIGONEN INTER CHELASQUE SEQUENTES
PANDITUR; IPSE TIBI JAM BRACCHIA CONTRAHIT ARDENS
SCORPIUS.....

O professor J. Feliciano disse que realmente, na Italia, Scorpius era todo visivel e a proposito accrescentou que os versos citados tinham uma explicação especial, astronomica. No tempo de Augusto, a constellação da «Libra» era ainda confundida com as «Pinças» ou «Garras» (CHELÆ CHÊLAI) de «Scorpius», embora seja provavel que desde os Chaldeos e os Egypcios os dois signos já estivessem discriminados. Mas só na epoca de Augusto é que parece ter sido assentada como distincta a constellação de «Libra», a «equilibrar as horas equatoriales», conforme est'outro verso de Virgilio:

LIBRA DIE SOMNIQUE PARES UBI FECERIT HORAS.

Explicou mais o professor que as estrellas estavam estheticamente dispostas, reflectidas num espelho,—o que Anatole France inteiramente comprehendeo e achou natural. As estrellas ahí representam um aspecto do ceo no dia 15 de novembro e seo numero, 24, lembra os 20 Estados brasileiros que, com o Districto Federal, foram nesse dia constituídos em Republica Federada.

Foi visivel a grata impressão esthetica do eminente escriptor. Continuou a conversar longamente com o professor J. Feliciano. Referindo-se a uma palestra, a um cordial debate philosophico-religioso do dia anterior,—disse que o deixasse repetir e applicar-lhe dois versos que aprendeo quando menino:

ROBERT SAGE ET PIEUX, DES LETTRES AMATEUR,
DES FOUDRES DE L'EGLISE ÉPROUVA LA RIGUEUR.

A impressão de Anatole France, — que achou admirável a disposição dos symbolos naturaes de nossa bandeira — afina-se com a despertada em Pariz, quando, em 1905, o professor José Feliciano a explicou em uma conferencia, no «Hotel des Sociétés Savantes».

— «C'est un merveilleux drapeau !» — disseram muitos dos francezes competentes que então o ouviram...

Egual impressão teve Guilherme Ferrero.

E assim vemos que estranhos sempre acatam o que nem sempre nacionaes veneram.

GENIO LATINO

Fala-se muito em «genio latino» e «civilização latina»; porém, as referencias a esse assumpto não passam, frequentemente, de affirmativas ou negativas genericas, sem enumerar factos positivos, sómente por sympathia ou por antipathia sentimental, mais do que pelo raciocinio intellectual.

A fascinação de Roma, a época maravilhosa da Renascença na Italia, o esplendor ephemero do poder politico da Hespanha e de Portugal, e as peripecias da vida politico-social da França, constituem os elementos que se reúnem na expressão de «civilização latina».

O poderio economico e politico da Inglaterra, que foi chamada «a herdeira do genio e do poderio de Roma»; a affirmação guerreira e depois industrial e commercial da Allemanha moderna, além de suas glorias do pensamento philosophico e scientifico; o progresso maravilhoso da industria e da riqueza dos Estados-Unidos da America e da Australia, constituem, vice-versa, os elementos que se contrapõem á civilização e ao genio latinos, como expressão da raça alleman e anglo-saxonia e de suas ramificações.

Indubitavelmente estas duas séries de elementos constituem dois blocos sociaes devéras grandiosos e caracteriscos.

Ha alguns annos, diante dos progressos rapidos e inesperados da Allemanha e dos Estados Unidos, a opinião da inferioridade e decadencia das nações latinas abriu caminho e se diffundio com facilidade. Disse-se então que, se essas nações representavam os esplendores do passado, as glorias e as energias do presente eram, porém, representadas por outros povos differentes dos latinos.

O desenvolvimento da industria mecanica, que se verificou na segunda metade do seculo XIX, determinado pela machina a vapor, foi verdadeiramente propicio aos paizes que tinham a dita de possuir immensos thesouros, representados pelas minas de carvão de pedra: a Inglaterra antes e depois os Estados-Unidos, a Belgica, a Allemanha e, em parte, a França.

Além disso, um caracteristico especial dos povos allemães e anglo-saxonios contribuiu poderosamente para a sua ascensão economica e social: a força de vontade e a disciplina social.

Mesmo sob os dominios da sciencia, a applicação do methodo experimental e de observação determinou a superioridade daquelles povos: que, em lugar das fantasias philosophicas do pensamento abstracto, se entregaram ás pacientes e obstinadas pesquisas de laboratorio, as quaes exigem mais força de vontade e paciencia do que vãos ephemeros da imaginação.

E foi assim que, nos ultimos annos do seculo XIX, a admiração pelas civilizações alleman e anglo-saxonias attingio ao acume, e a quem e além do oceano, começou-se a imitar-lhes os habitos e os gestos, nos exercicios frequentemente exaggerados do «sport», assim como nos aspectos da litteratura, da architectura e da investigação scientifica ou dos programmas de politica.

Mas, de algum tempo a esta parte, já se manifestou, e vae-se firmando cada vez mais, uma reacção salutar a esta mania de imitação anglo-saxonia ou norte-americana.

A civilização alleman, ingleza e norte-americana, lançada a toda a velocidade, começou já a dar provas de seus defeitos, de seus exaggeros e de suas degenerações.

Na Inglaterra o amor exaggerado por qualquer fórma de sport fez com que se descuidassem os estudos litterarios e scientificos: e desde Rudyard Kipling, o poeta nacionalista, até os que se dedicam ao estudo da pedagogia das escolas inglezas, todos deram um grito de alarme contra o enfraquecimento do valor intellectual das novas gerações. E, na mesma Inglaterra, se constatou com pesar, que suas industrias, as quaes marcaram um periodo de tão maravilhoso progresso na segunda metade do seculo XIX, se acham agora paralyzadas, diante da formidavel concorrência alleman.

Na Allemanha, o enriquecimento rapido e faustoso, alcançado, depois dos cinco bilhões de francos «ganhos» na guerra de 1870, pelos grandes progressos em todos os ramos da industria, começou já a produzir os defeitos e as degenerações que deram seus golpes fataes em todos os povos, quando chegados ao auge da riqueza, e portanto, do luxo e do vicio. Tal foi a sorte que coube á Grecia, a Roma depois, mais tarde, ainda a Veneza.

E agora algumas manifestações symptomaticas da Allemanha contemporanea, as quaes scandalisaram o mundo inteiro com os processos e costumes da «Tavola redonda», ahi estão para attestar a perversão, mesmo nas fortes fibras da civilização alleman, que é continuamente escravizada pelo militarismo burocratico, tanto nos orçamentos do paiz como no conjuncto da vida social — o que foi sobejamente demonstrado pelo clamoroso episodio da famosa burla do capitão de Koepenick.

Já é sabido que o militarismo representa um typo de civilização inferior áquella que deriva da cooperação das livres actividades individuaes no campo productivo do trabalho manual e intellectual.

Na America do Norte, então, a vida tornou-se uma obsessão delirante. A caça ao dollar, a actividade febril, sem tregoa, que não deixa tempo para se pensar no estudo, na arte, no descanso do espirito constituem uma atmospheria social em estado incandescente, o que faz com que a existencia daquelle povo se pareça mais com os fremitos de febre do que com as energias bem equilibradas da saude.

Tambem não faltam, naquelle povo, as degenerações da decadencia social e moral por excesso de riqueza, como o tem provado o procedimento extravagantemente bizarro de alguns archi-millionarios, nas festas ou nos banquetes que offerecem, que lembram as loucuras dos ricos romanos dos tempos de Lucullo ou de Trimalcião.

E' verdade que, na America do Norte, as manifestações da vida social joven, forte e san ainda são muito grandes e maravilhosas: nem por isso deixam de ser verdadeiras as manchas que acabo de lembrar.

Na Europa, emtanto, tem-se observado que, de um lado a França soube reerguer-se dos desastres inauditos da guerra de 1870, com uma admiravel demonstração do extraordinario poder da vontade nacional, e não só no desenvolvimento da industria e da agricultura, mas tambem na politica internacional realizou progressos grandiosos. E a França ainda continua a ser o paiz que acolhe mais favoravelmente e da maneira mais vibrante todas as idéas nobres e humanitarias; e conserva-se sempre na vanguarda, no caminho brilhante da liberdade e da justiça, assim como a ella sempre pertence o imperio incontrastavel do bom gosto e da fineza, tanto em relação á moda feminina quanto relativamente a romances ou comedias.

De outro lado, a Italia que realiso, nos ultimos dez annos, fortes e incessantes progressos industriaes, sustentou sempre bem alto as manifestações do seu pensamento scientifico e artistico.

E na America, a attenção do mundo civilizado sentio-se sempre mais attrahida para a formação de novas e grandiosas civilizações, do typo latino, como o Brazil, a Argentina e o Mexico.

Assim, nestes ultimos annos, foi-se pouco a pouco reaffirmado a consciencia da civilização latina, reagindo contra a opinião mui facilmente acceita, ha alguns annos, da decadencia ou inferioridade dos povos dessa origem.

Para esta confirmação contribuíram tanto as descobertas scientificas, quanto os ensinamentos fornecidos diariamente pela experiencia.

De facto, foi-se impondo cada vez mais a opinião scientifica (fundamentada com os resultados das descobertas archeologicas e pelas observações anthropologicas) de que o Mediterraneo foi o berço originario da civilização latina; e esta não foi o producto de uma immigração de povos arianos, asiaticos, como se acreditou durante muito tempo; houve seguramente essa immigração ariana, que, porém, não criou a civilização latina, a qual já existia, criada pelo «homo mediterraneus», mas apenas lhe forneceu novos elementos e energias.

Na bacia do Mediterraneo existiram effectivamente as civiliza-

ções mais antigas de toda a Europa. As recentes escavações feitas na ilha de Creta demonstraram que alli existira uma grande civilização, que precedeo de muitos seculos a civilização grega. De onde se conclue evidentemente a existencia de uma continuidade historica e anthropologica dos esplendores da civilização egypcia aos de Creta, da Grecia, e de Roma.

Se, ha alguns annos, se chegou ao exaggero, na sciencia anthropologica, em se affirmando que toda a civilização de um povo dependia exclusivamente dos carecteres de raça, e desse modo se determinou o exaggero opposto que pretendia destruir toda e qualquer importancia dos caracteres de raça (os quaes, por si só, são incontestaveis e universalmente provados pela experiencia); inversamente hoje em dia vae tomando maior vigor a opinião, por mim sempre sustentada, segundo a qual a civilização de cada povo e de cada época historica é a resultante de dois elementos fundamentaes inseparaveis: os caracteres de raça e as condições do ambiente geographico, de cuja acção combinada resultam o nivel e as condições do ambiente social ou historico.

A estas observações scientificas ajuntaram-se os ensinamentos diarios da experiencia.

Notou-se, por exemplo, que se os allemães, os inglezes ou os norte-americanos possuem grande força de vontade, os latinos dispõem, entretanto, de um grande, inexaurivel poder de engenho e de sentimento artistico, muito embora possuam, ás vezes, menor instrucção elementar ou educação social.

Esse, desde ha muito, é um facto que todos reconhecem: na Belgica como na Allemanha, ouvi contar frequentemente, pela bocca dos proprios directores das escolas industriaes, em que ha alumnos de todos os paizes, que os operarios e os estudantes italianos são, sem duvida alguma, os que têm em mais alto grao as qualidades nativas de intelligencia.

O genio latino, de outra parte, personifica-se em figuras taes de homens maravilhosos, que se impõem á admiração universal pela harmonia da arte com a sciencia nas fórmas mais sublimes.

Dante Alighieri foi certamente o maior dos poetas de toda a humanidade: assim como foi grande philosopho e psychologo profundo.

E Leonardo da Vinci foi indubitavelmente artista perfeito, embora o seu pensamento philosophico e sua observação scientifica não fossem inferiores ás suas inspirações estheticas.

Esta manifestação multiforme de pensamento e sentimento é o caracteristico principal do genio latino.

«Homem de quatro almas» foi chamado Michelangelo, porque era tão grande esculptor, como pintor, poeta e architecto. E assim muitos outros.

Por conseguinte, se os allemães e os anglo-saxonios apresentam exemplos de disciplina social e de actividades collectivas deveras admiraveis, o genio latino refulge até nas mais altas manifestações individuaes.

Entre os latinos até as personalidades mais modestas dão provas continuas de seu ingenho multiforme e espontaneo, que é fruto de tres mil annos de experiencias sociaes, as quaes foram transmittidas aos seus cerebros de geração em geração.

Tambem é certo que, se uma idéa é apanhada mais facilmente pelo cerebro de um latino, ella dahi sae com mais facilidade; ao passo que uma idea exige mais tempo e maior esforço para intruduzir-se no cerebro de um allemão ou inglez, uma vez adquirida alli permanece firme e inabalavel.

A nossa civilisação contemporanea foram transmittidas, tambem pelo genio latino, a descoberta e as applicações da electricidade, que, com a chimica, representa a energia mais maravilhosa do progresso social.

Foi assim que o genio latino, por meio do «humanismo» e da «renascença» libertou a humanidade civilisada das trevas e das cadéas de ferro que a jungiam á Edade Media, renovando os sentimentos e os ideaes da vida humana, criando homens maravilhosos que, á força sublimidade do pensamento, reuniram as energias vibrantes da acção.

Por exemplo: cada povo teve seus heróes. Mas, no mundo moderno, ninguem pôde ser egualado a Garibaldi: mesmo porque elle personalizou, até no heroismo da guerra, a nobreza do genio latino, feito sobretudo de «humanismo».

Foi por isso que eu muitas vezes ouvi norte-americanos dizerem que, vindos para a Europa meridional, elles ali encontraram, entre os povos latinos, um conceito da vida muito mais bello, elevado e nobre, que nunca poderiam encontrar entre as engrenagens terriveis da vida febril de sua terra.

Sem duvida, na Europa como na America latina é de esperar que a força de vontade assuma maior vulto, e, sobretudo, que se torne disciplinada e mais methodica, accrescentando, assim, á facilidade do espirito critico, o valioso auxilio da energia de acção incessante e methodica.

Mas, exactamente na America latina, eu observei como as condições do ambiente geographico e social, que tornam a luta pela vida menos difficil do que na velha e assaz populosa Europa, ali tenham reforçado as energias de trabalho e de vontade.

É evidente que os caracteres de uma civilisação não são immutaveis por fatalidade, e mesmo guardando os traços peculiares á origem, podem ser modificados e desenvolvidos.

Com certeza o genio latino, fructo de mais de trinta seculos de civilisação, transmittidos hereditariamente de geração a geração, mesmo aos cerebros dos camponeses mais rudes, tem seus caracteristicos fundamentaes. Porém as condições de ambiente e os contactos hoje em dia muito mais faceis e frequentes, entre povos de diferentes raças nos mais diversos ambientes geographicos, hão de contribuir para desenvolvê-lo, fortificá-lo, aperfeiçoá-lo.

Tambem é certo, de outro lado, que os povos da raça alleman e anglo saxonica, começando mais justamente a reconhecer as quali-

dades do genio latino, chegarão a aprender as finezas intellectuaes e estheticas do mesmo, pondo-as em pratica diariamente. São essas finezas intellectuaes e estheticas que constituem o apanagio mais nobre e mais bello da vida humana, além e acima das actividades industriaes, agricolas e commerciaes que tambem representam a necessidade do pão quotidiano.

Observado por este angulo visual, o genio latino representa pois uma constatação serena da realidade humana, sem velleidade alguma de desprezo ou de odio para com outros povos.

Nós latinos queremos affirmar sómente que, se nos pertencem os esplendores das civilisações passadas, tambem hão de pertencer-nos os das civilisações futuras, sem desconhecermos, mesmo assim, o auxilio nobre e fecundo que á presente civilisação trouxeram e trazem os povos de outro genio, na Europa e na America septentrionaes.

Nós latinos queremos, com essa confirmação da nossa consciencia civilisada, preparar-nos para sermos dignos dos mais altos destinos que, no velho e no novo mundo, estão reservados sem duvida á Humanidade que trabalha e que pensa.

ENRICO FERRI.

Escolas agricolas e zootecnicas

Acaba de ser fundada pelo governo de Minas, nas circumvizinhanças de Bello Horizonte, uma escola agricola modelo, para meninos desamparados, sob a denominação de «Instituto João Pinheiro», cujo extenso regulamento, cuidadosamente elaborado, foi publicado no *Jornal do Commercio*, de hontem.

A preciosa instituição mereceria ser adoptada integralmente em todos os Estados brasileiros, caso se cuidasse nesses pontos de outra cousa além de egoismo sordido e politiquices, e ainda mais especialmente, em amplicissima escala, na cidade do Rio de Janeiro, onde asylos particulares e publicos manifestam-se insufficientes, não sabendo frequentemente os juizes como accommodar menores desvalidos sob sua jurisdicção.

Já que espontaneamente não são creados official ou livremente no Brazil, institutos superiores de instrucção agricola e zootecnica, conferindo diplomas academicos, como honrosos attestados de valiosos estudos, a exemplo do que se pratica por toda a Europa e Estados-Unidos—forçoso será começar, por essas escolas primarias e secundarias de ensino agricola e zootecnico, a vulgarização de conhecimentos scientificos, importando consideravelmente ao progresso do Brazil.

É extremamente extranho e grave o phenomeno traduzido no persistente desdem com que em todas as épocas ha sido tratado em

nosso paiz o assumpto fundamental do ensino agro-zootecnico, de cujos processos scientificos está dependendo exclusivamente a extincção da rotina e a regeneração do desfallecido e atrophiado organismo economico brasileiro.

Trata-se evidentemente de povo desprezando altamente interesses materiaes, reputando taes interesses preocupações inferiores, julgando verdadeiramente todo o trabalho aviltante, por funestos preconceitos dos tempos da escravidão...

A manifestação é assignaladamente injustificavel, por quanto os Estados-Unidos, apesar de intensa aversão aos negros, vivem em perenne saturação de trabalho material, origem decisiva de prosperidades excepcionaes.

Apezar de prolongado, claro e nocivo accumulo, nas profissões liberaes, relativamente a medicos, advogados e engenheiros, surgem por toda a parte, nos Estados brasileiros, instituições destinadas a aviltar, cada vez mais, as mencionadas profissões, já pelo deficiente e pessimo preparo academico, já pelo effeito de calamitosa plethora.

O mal acha-se profundamente radicado no paiz tendo já resistido, em diversas épocas, a porfiadas propagandas, uma das quaes persistentemente patrocinada pelo segundo Imperador, tendo como principal arauto em infinitas conferencias, por dilatados annos, a tenacidade indomavel, o estudo, o patriotismo e o talento do senador Manoel Francisco Corrêa, o maior evangelizador social em nossa patria.

Sob essa acção pertinaz e poderosa, surgiram algumas escolas agronomicas em diversos pontos, como Rio Grande do Sul, Pernambuco, etc., volvendo tudo, em seguida, á estagnação e apathia.

Na impossibilidade actual, portanto, de escolas superiores agro-zootecnicas, forçoso será iniciar modestamente o movimento, por escolas agricolas, primarias e secundarias, conforme o modelo auspiciosamente estudado e desenvolvido no «Instituto João Pinheiro» principalmente nas zonas ruraes da cidade do Rio de Janeiro — pela profusão de menores abandonados — nocivos, quando incultos e viciosos, proveitosos e benemerentes, quando disciplinados e educados.

(Da Folha do Dia)

GAMA ROSA.

Brazil

Total de escolas publicas e privadas existentes e o dos alumnos matriculados, tanto nos estabelecimentos officiaes como nos particulares, em 1907 :

ESTADOS	ESCOLAS	MATRICULA
Minas	2.478	119.643
S. Paulo	4.714	83.543
Rio Grande do Sul	4.546	67.370
Districto Federal	419	57.271
Bahia	4.007	47.288
Rio de Janeiro	485	24.773
Pará	433	49.870
Ceará	382	16.267
Santa Catharina	376	44.159
Alagoas	274	13.255
Pernambuco	386	21.139
Paraná	309	43.566
Maranhão	217	41.944
Sergipe	245	8.839
Parahyba	223	9.870
Piauhý	146	7.754
R. Grande do Norte	452	7.604
Goyaz	162	6.434
Espirito Santo	175	6.359
Amazonas	250	5.476
Matto Grosso	407	5.288
Totales	44.153	567.346

Os totaes mencionados se subdividem como segue :

	ESCOLAS	MATRICULAS
Estaduaes	7.095	349.754
Municipaes	4.845	106.754
Particulares	2.243	140.841
Totales	14.183	597.349

Quanto ao sexo, 251.485 alumnos matriculados eram do feminino e 314.737 do masculino. Em 1907 a frequencia de todos foi de 394.188.

Depois de ler isto, sente-se vontade de perguntar se não seria preferivel gastar com a nossa lastimavel organização escolar os sete mil contos que malbaratámos com aquella exhibição de parvoice na praia Vermelha. Mas não perguntamos ainda. Antes, queremos fornecer-lhes mais alguns elementos para que possam responder com segurança.

SINTAXIOLOGIA (1)

(Vide esta revista — Agosto deste anno)

§ 41. — **Análise relacional.** Examina os elementos dos termos da proposição ou sentença, tornados órgãos proximos, de remotos que eram, pela mutua coordenação e subordinação, relacionados já entre si e constituindo sintaticamente os mesmos termos essenciaes da proposição em sentença simples incompleta ou complexa.

Dizemos — *mutua coordenação ou subordinação* —, porque *existem* realmente, quer nos termos entre si mesmos quer, ás vezes, nos elementos ampliativos desses termos, a coordenação entre os termos e a subordinação entre os elementos de cada termo. Os termos essenciaes constituem a proposição — *simples* (incompleta ou complexa) ou *composta*. Para não haver confusão entre proposição simples complexa e proposição composta, estabelecemos a — *frase sintatica* —, formada de duas ou mais sentenças simples (incompletas ou complexas) coordenadas. A sentença complexa é constituída por uma proposição fundamental e outras subordinadas (ou clausulas) ou por clausulas integralizando-se mutuamente.

Si a sentença é incompleta, também incompleta devem ser os seus termos; si complexa, devem os seus termos ser complexos, i. é, clausulas ou proposições subordinadas ou dependentes quanto ao sentido, visto que somente nova asserção torna complexa a simples ampliação. Esta complexidade pode aparecer de tres modos: a) — *essencial ou integralmente*, mediante clausula, já em função subjectiva já em função predicativa. Essa clausula pôde e costuma ampliar-se simples ou multiplamente; e as clausulas ampliadas, subordinadas já por sua posição e função, podem coordenar-se e ter novas clausulas subordinadas, e estas podem coordenar-se ainda entre si, etc. b) — Como *accessório*, modificando elemento ou elementos de um

(P) — Continuação da pag. 70.

Análise léxica relativa a um vocábulo destacadamente. — *ELLE* — Etimol. De origem latina — *ille, illa, illud*, f. e n.; adj. ou pron. demonstrativo, conforme a sua função. Pronúnc. figurada (fonologia) — *èllè*, fonéticam. — *èle*. Taxinomicam. em vernáculo — pron. pessoal de 3ª pess., sing., masc., com flexão numérica e genérica — *ella, elles, ellas*. Histórico, filológico e crítico, etc. Dos diversos casos de — *ille, illud*, vem — *el, elle, ella, elles, ellas, ello, ellos, the, lhes, lo, la, los, las, o, a, os, as*. *Lhes* — fica geralmente — *the* — com plur. O art. *el*, — ensina João Ribeiro, — q. existiu communmente no castelhano, no portuguez antigo e só é usado na expressão *EL-REI*, e no vocabulo hespanhol *el-dorado*; não é usado como pron. pessoal. Encontra-se, mas raro, apposto a um alto titulo: *el-duque, el-conde*. Sintaticamente: — exerce várias funções: a) — subjectiva — *elle* estuda, com linguagens verbaes de modo finito e infinito pessoal, como em — com *elle* andar, para *elle* vir, por *elle* saber —; nesses casos a preposição não afeta ao pron., senão ao verbo. b) — De obj., dir., ou indir., reforçativos: — *quero-o a elle, digo-lhe a elle*; de obj. indir. com verbos transitivos mediatos (relativos — de alguns gramáticos): — *Cogita-se nelle, trata-se delle*; c) — de adj. attribut. ou determinat. — *livro delle*; d) — de adj. adverb. —: com *elle*, sem *elle*, para *elle*, exprimindo diversas relações; e) — de adj. apassivante, com expressão verbal de voz passiva, em sentido determinado: — O caso foi contado por *elle*; João era querido *delle*. Vide Leon, Gen., da Ling. Port. 1º vol. pg. 215.

(1) Revisado pelo proprio auctor.

dos termos da proposição; pôde ampliar-se esse accessório, e essa ampliação continuar, coordenando-se ou subordinando-se entre si a clausula ou as clausulas que dalla se desdobram; esse novo desdobramento subordinado pôde ser accessório ou como acontece geralmente, simplesmente accidental-explicativo ou expletivo. c) — *Accidentalmente*, como explicativo ou expletivo, e que ainda se pôde desdobrar, *ut supra*. Veja-se nos §§ 14, 15, a 18, a classificação dos termos da proposição ou sentença, figurada esquematicamente. São, pois, esses elementos integrantes da sentença seus factores, e delles coordenados entre si na contextura da mesma sentença, depende o sentido proposicional ou sentencial. Exemplos.

«Algumas das memorias árabes alludem vagamente a varias escaramuças com os infieis.» (A. Herc., *Hist. de Port.* 1º vol. pag. 438)

«Dentro em. Dentro de». «Dentro em escrevi e escrevo amiude, sem, todavia, rejeitar a locução *dentro de*, que igualmente uso. Parece que estava, e estou no meu direito, sendo certo que ambas as fórmulas têm o mesmo quilate vernáculo.» (*Replica*, n. 367, pg. 463, do Sr. Ruy Barbosa.)

Análise. Na 1ª sentença simples-incompleta, o 1º termo ou suj. é constituído pelas palavras — *Algumas das memorias árabes* —, ampliado, não complexo sintaticamente; o adj. — *algumas* — (memorias) é determinado pelo adj. atrib. — *das memorias*, — modificado pelo adj. descriptivo — *árabes*; — todos esses vocabulos, sem mais nem menos, constituem *formalmente* o termo sujeito, mediante uma coordenação mutua, aliás necessaria, indispensavel ao sentido proposicional. O 2º termo ou predicado, simples incompleto, é — *alludem a varias escaramuças com os infieis*. É constituído pelo verbo transitivo mediato — *alludem* — de predicação incompl. e pelo seu predicativo, obj. indir. — *a varias escaramuças* —, e pelo determinativo de — *escaramuças com os infieis*. E cada elemento ou organo do termo é por seu turno coordenado e subordinado. Eis a sintaxe de regencia e de concordancia.

A 2ª sentença é composta e complexa, portanto contem sentenças (2) coordenadas constituindo uma frase sintatica. Estão elíticos os sujeitos, indicados pela flexão verbal — *eu* — simpl. incompl., não ampliado. Completamos analiticamente. — 1ª sent. — *Eu* (suj.) — *escrevi dentro em* (desdobra se com 2 clausulas, uma infin., em função adv. — todavia sem *eu* rejeitar a locução *dentro de*, outra adj. em função attributiva da 1ª ou dessa claus. — que *eu* igualmente uso) — predicado complexo. simpl.

2ª sent. (simpl., complexa, como a 1ª, e com *ella* coordenada asindeticamente, independente como *aquella*, e por isso nenhuma se ha de chamar *principal*, nem *fundamental*, senão apenas — *inicial* — a 1ª) — (suj. (e) *eu* — predicado) — *escrevo a miude dentro de* (segue a ampliação simpl., compl. como na 1ª).

Essa análise abranje já outras análises, como a sentencial, fraseologica, etc.; mas tornou-se necessario entrar nessa apreciação, estabelecendo a coordenação das sentenças na frase, para perceber as

relações de um dos termos. i. é, o predicado por ser compl.; agora se percebem as relações tanto de coordenação como de subordinação das 2 clausulas para com a sua proposição fundamental, como dellas entre si.

A 3ª é uma sentença simples, complexa; simples, por ser o seu sentido *indiviso* e, por conseguinte, ella irreductivel, aparentemente composta por ser o suj. constituido por 2 clausulas subst., em função suj. Analisêmol-a:—Suj. simpl.—*Que eu estava e estou no meu direito* (ampliação complexiva—*que ambas as fórmulas têm o mesmo quilate* (suj. ampl., claus.) *sendo certo* (predicado da clausula, em função adverbial, não meramente de modificativo, mas de accessorio integrante do sentido sentencial). Agora examinem-se as relações estabelecidas entre o pron. pess.—*eu*—e os verbos—*estava*—e—*estou*—e no seu determinativo—*no meu direito*; fica o verbo *parece*—como predicação completa intransitivo; outras vezes é adjuntivo—*parece feliz, prudente, etc.*, per ter sintaxe multipla e ainda—*parece-se com fulano, etc.*). Desse mesmo exemplo resulta perceber-se não bastarem as noções de sintaxe, dadas geralmente em gramaticas para com ellas se poder fazer uma análise completa, e ser preciso ainda recorrer á análise historica e semantica, para se poder bem compreender e interpretar o sentido daquellas clausulas—*sendo certo*, etc.—(*por ser certo, visto ser certo, pois que é certo, etc.*; o que já pertence á semantica, como ensina o Dr. Maciel, ou *Psicologia*, como diz o illustre sr. Saïd Ali; com razão diz a gíria de estudantes:—*«Ligere et non intellegere, non est ligere, est burrigere»* Analise-se: «onde SE crucifica a Christo.» (Vieira, Sermões, 4º vol, pag. 109, ediç. 1907).

Há, entretanto, dizeres portuguezissimos de cunho que se não podem facilmente analisar, por não se poder estabelecer de pronto a relação entre os seus elementos de modo que se estabeleça a relação necessária entre os dois termos essenciaes da proposição ou sentença. Dêmos alguns exemplos.

Em A. Castilho: «*ahi é que é moagem*» (*Georgicas*, pag. 25) «*Andar pois!*» (Infinito como imperativo—pag. 11) «*Ahi é que é ferir a salvo e á mão tenente!*» (Ibid., pg. 191).

Em A. Herculano: «*Foi aqui, onde dentro de pouco as duas republicas rivaes principalmente disputaram...* qual dellas devia perecer.» (*Hist. de Portuq.*, 6ª ed. vol 1º, pg. 49) «*Não era, porém, só isto.*» (ibid., pg. 23). «*E' lá que surge em toda a sua hedionda nudez a cubiça e a rapacidade...*» (Ibid., 2º vol., pg. 232). «*Foi aqui onde o monarcha deu as primeiras provas do genio guerreiro...*» (Ib., pg. 298) E assim em muitissimos outros exemplos essencialmente refractários á sintaxe, e que só se poderão analisar semanticamente ou psicologicamente; prevalecerá o sentido, o pensamento do escritor, e não a sintaxe.

(Continúa)

CONEGO BRAGA.

Cadeiras promiscuas:

- 1.ª Josephina Rocha—Escola Carvalho.
- 2.ª Elvira Faria Paraná—Rua Cabral.
- 3.ª Olivina Caron—Grupo Xavier da Siva.
- 4.ª Carolina Moreira » » » »
- 5.ª Rosa Pereira de Souza—Rua Coronel Dulcidio
- 9.ª Antonia Reginato—Rua Silva Jardim.
- 7.ª Maria do Carmo Gomes—Escola Tiradentes.
- 8.ª Maria Rosa Bittencourt—Rua da Liberdade.
- 9.ª Julia Seiler—Alto de S. Francisco.
- 10.ª Izabel Guimarães Schmidt—Rua Saldanha Marinho
- 11.ª Maria Correia de Miranda—Jardim da Infancia.

Escolas suburbanas

- Maria Angela Franco—Juvevê.
 Etelvina Taborda—Cajuru.
 Julia Martins Gomes—Uberaba.
 Julia Alice Loyola—Santa Quitéria.
 Maria da Luz Miró—Colonia Dantas.
 Vicentina Pinheiro—S. Nicoláo.
 Helena Xavier—Taquatua.
 Alice Cornelia Daniel—Batel.
 Maria da Luz Mello—Colonia Morgenau.
 Guilhermina Lisboa Gomes—Alto do Schaffer.

ESTABELECIMENTOS DE ENSINO PARTICULAR

- Escola Americana—Rua Commendador Araujo.
 » Nocturna Republicana—Rua Marechal Deodoro.
 » » Municipal—Rua Ebano Pereira.
 » de Artes e Industrias—Praça Tiradentes.
 » José Carvalho—Praça Zacarias.
 » Dante Alighiere—Praça Santos Andrade.
 » Alleman—Praça 19 de Dezembro.
 » » Particular—Rua 13 de Maio.
 » Conceição—Rua do Rosario.
 » S. José—Rua Aquidaban.
 » Bom Jesus—Praça da Republica.
 » Parochial Polaca—Rua 13 de Maio.
 Collegio Santa Julia—Rua Conselheiro Barradas.
 » Santos Dumont—Rua Quinze de Novembro.
 » Paranaense—Rua Aquidaban.
 » Santos Anjos—Rua Quinze de Novembro.
 » Soledade—Rua Ractcliff.
 Seminario S. José—Batel.